

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

REGERSON RIBEIRO REIS

**A VIOLÊNCIA URBANA NA CIDADE DE PARINTINS: A REALIDADE EM
NÚMEROS, O SENTIMENTO DE MEDO E INSEGURANÇA DE SUA POPULAÇÃO**

Parintins/AM

2018

REGERSON RIBEIRO REIS

**A VIOLÊNCIA URBANA NA CIDADE DE PARINTINS: A REALIDADE EM
NÚMEROS, O SENTIMENTO DE MEDO E INSEGURANÇA DE SUA POPULAÇÃO**

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tatiana da Rocha Barbosa

Parintins/AM

2018

Dedico este trabalho,

À minha mãe, Regina Ribeiro, pela dedicação, ensinamentos, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e por me fazer acreditar que tudo é possível, basta perseguir os sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela sabedoria e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização deste trabalho. A estas pessoas estorno aqui meus sinceros agradecimentos.

À minha mãe Regina Ribeiro, por todo o apoio a mim depositado.

À Prof^a. Dr^a. Tatiana da Rocha Barbosa, minha orientadora, pela colaboração e atenção em idealizar este trabalho. Por suas orientações, pelo compartilhar de conhecimentos e material bibliográfico, e pelo carinho e confiança em mim dispensados desde o início dessa parceria.

A todos os professores do curso de Geografia pela bagagem de conhecimento disseminada a todos os discentes, contribuindo na construção do saber geográfico de todos.

Aos colegas do Curso de Geografia, que compartilharam alegrias, angústias, conhecimentos e idéias nos últimos quatro anos. Foi uma convivência maravilhosa e enriquecedora.

À secretária da Universidade do Estado do Amazonas, Maria Inês Ferreira Brasil, a qual me ajudou imensamente nos trâmites burocráticos para que eu pudesse me matricular no curso de Geografia, devido a algumas adversidades encontradas.

E à mim mesmo, por todo o esforço dedicado durante todo o período do Curso, pois só eu sei o quanto foi difícil essa conquista, mas que agora compartilho desse momento de felicidade.

Muito obrigado a todos.

“É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você truta é imbatível”.

(A vida é desafio – Racionais Mc's)

A VIOLÊNCIA URBANA NA CIDADE DE PARINTINS: A REALIDADE EM NÚMEROS, O SENTIMENTO DE MEDO E INSEGURANÇA DE SUA POPULAÇÃO

Regerson Ribeiro Reis¹

Tatiana da Rocha Barbosa²

RESUMO

Este trabalho oferece ao leitor a oportunidade de reflexão de como a cidade de Parintins se desenvolve, sobre seu quadro sócio-econômico atual e como se encontra a sua real situação da violência urbana. O trabalho teve como objetivo geral apresentar os principais fatores candidatos a explicar a violência urbana em Parintins, e como objetivos específicos destacar os índices sócio-econômicos do município, expor os índices da violência urbana de Parintins, sobretudo nos anos de 2016 e 2017, e analisar o sentimento de medo e insegurança na cidade. Para que se pudesse chegar aos resultados primeiramente procedeu-se com levantamento bibliográfico e tabulação de dados referentes às violências em destaque nos anos de 2016 e 2017 oriundos do 3º Batalhão de Polícia Militar de Parintins, do Atlas da violência 2017, de dados coletados do IBGE, entrevista aberta com um investigador da Polícia Civil e observação. O trabalho obteve como resultado que provavelmente o processo de urbanização que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas, indissociável aos diversos problemas urbanos, em específico o elevado número de desemprego, falta de segurança, aumento do número de usuários de drogas ilícitas, associado ao sentimento de impunidade a quem comete crimes, são elementos que possivelmente justificam o crescente aumento da criminalidade na cidade, gerando como consequência o sentimento de medo e insegurança na população. Essas consequências fazem com que as pessoas mudem hábitos, deixem de viver a cidade, de ficarem em frente a suas casas e comecem a adotar novos costumes. Ao término do trabalho, contata-se a necessidade de outros estudos voltados à compreensão mais ampla sobre a temática, bem como a implantação de melhor gestão e políticas públicas que possam atender aos anseios da sociedade em geral, em específico voltado a conter e/ou amenizar as desigualdades sócio-econômicas, proporcionando melhor assistência educacional, em saúde, segurança, geração de empregos, lazer, qualificação técnica e profissional principalmente aos jovens de baixa renda, população mais afetada por todos os problemas acima mencionados.

Palavras-chave: urbanização; violência urbana; sentimento de medo e insegurança.

¹Graduando do Curso de Geografia. Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. E-MAIL: regerson.geo@gmail.com

²Professora/Dra. Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP.

THE URBAN VIOLENCE IN THE CITY OF PARINTINS: THE REALITY IN NUMBERS, THE FEELING OF FEAR AND INSECURITY OF THEIR POPULATION

ABSTRACT

This work offers the reader an opportunity to reflect on how the city of Parintins develops, on its current socio-economic situation and how its real situation of urban violence is found. The objective of this study was to present the main factors to explain urban violence in Parintins, and to highlight the socio-economic indicators of Parintins, as well as the urban violence indicators of Parintins, especially in the years 2016 and 2017. analyze the feeling of fear and insecurity in the city. In order to arrive at the results, a bibliographical survey and tabulation of data regarding the most prominent violence in the years 2016 and 2017 from the 3rd Military Police Battalion of Parintins, the Atlas of Violence 2017, data collected from the IBGE, an open interview with a Civil Police investigator and observation. The result of this work is that the urbanization process that the city has been experiencing in recent decades, which is inseparable from the various urban problems, in particular the high number of unemployed people, lack of security, an increase in the number of illicit drug users, of impunity to those who commit crimes are elements that possibly justify the increasing increase of crime in the city, generating as a consequence the feeling of fear and insecurity in the population. These consequences make people change habits, stop living the city, stay in front of their homes and begin to adopt new customs. At the end of the study, there is a need for other studies aimed at a broader understanding of the subject, as well as the implementation of better management and public policies that can meet the aspirations of society in general, specifically aimed at containing and / or alleviate socio-economic inequalities, providing better education, health, safety, job creation, leisure, technical and vocational qualification, especially to low-income youth, the population most affected by all of the above problems.

Key words: urbanization; urban violence; feeling of fear and insecurity

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. Introdução | 09 |
| 2. Compreendendo o espaço urbano/cidade | 11 |
| 3. Processo de produção do espaço urbano de Parintins | 15 |
| 3.1 Evolução urbana de Parintins | 19 |
| 3.2 Índices socioeconômicos da cidade de Parintins | 24 |
| 4. A Violência urbana | 26 |
| 4.1 A Violência urbana no Brasil | 29 |
| 4.2 A Violência urbana em Parintins | 33 |
| 4.2.1 Furtos | 34 |
| 4.2.2 Roubos | 36 |
| 4.2.3 Homicídios | 39 |
| 5. Violência urbana na cidade de Parintins: a realidade em números | 40 |
| 6. O sentimento de medo e insegurança em Parintins | 44 |
| 7. Considerações Finais | 46 |
| 8. Referências Bibliográficas | 48 |

1. Introdução

O aumento da violência, em seus vários contextos, tem crescido consideravelmente em todo território brasileiro, deixando a população cada vez mais assustada e insegura. Nos dias atuais, a violência urbana em Parintins apresenta números alarmantes, fato que faz com que a população invista cada vez mais em segurança, evidenciando os sentimentos de medo e insegurança, sentimentos estes que sempre existiram, entretanto, com mais intensidade nos dias atuais. Souza (2008) faz uma combinação das palavras medo e cidade e cunha o termo “Fobópole” para expressar as cidades dominadas pelo sentimento de medo.

O medo faz com que as pessoas passem a investir cada vez mais em segurança privada, com sistemas de câmeras, alarmes, grades, correntes, cacos de vidros sob os muros, entre outros, e agora cada vez mais freqüente em Parintins, guardas civis particulares, que trabalham na vigilância de empreendimentos e de casas de alguns moradores da cidade. Segundo o Atlas da Violência 2017, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública federal vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), houve um crescimento no número de homicídios registrados no Brasil entre os anos de 2005 e 2015.

No ano de 2005 foram registrados 48.136 homicídios, elevando para 59.080 no ano de 2015, chegando a alcançar uma média de 28,9 mortes para cada 100 mil habitantes, deixando o país responsável por mais de 10% dos números registrados no mundo. No Estado do Amazonas, no mesmo período entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios saltou de 18,5 mortes por 100 mil habitantes para 37,4 óbitos, respectivamente, com uma média de aumento superior a 100%.

As violências aqui destacadas são os furtos, roubos e homicídios cometidos na cidade de Parintins, violências com elevados números nos anos de 2016 e 2017. Diversas são as explicações para essa violência urbana, o que serviu como motivação para a realização do presente trabalho, cujo objetivo geral foi apresentar os principais fatores candidatos a explicar a violência urbana em Parintins, e como objetivos específicos destacar os índices socioeconômicos do município, expor os números da violência urbana de Parintins nos anos de 2016 e 2017, e analisar o sentimento de medo e insegurança na cidade de Parintins

Para a realização do trabalho, primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o surgimento da cidade de Parintins, seu processo de desenvolvimento para que se pudesse entender a sua real complexidade nos dias atuais. No segundo momento procedeu-se com levantamento bibliográfico e tabulação de dados referentes às violências em destaque nos anos de 2016 e 2017 oriundos do 3º Batalhão de Polícia Militar de Parintins, do Atlas da violência 2017, de dados coletados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entrevista aberta com um investigador da Polícia Civil e observação.

Usou-se como suporte nessa pesquisa o método dedutivo, construindo nosso conhecimento a partir de leis gerais para assim entendermos o particular, visto que a violência urbana é algo universal e que provavelmente deriva do intenso processo de urbanização que as cidades vêm sofrendo nas últimas décadas, principalmente no Brasil, processo este que ocorre de forma desordenada e sem um planejamento urbano, propiciando inúmeros problemas urbanos, como o foco da pesquisa em questão.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho está disposto da seguinte forma: o capítulo 2 discorre sobre os conceitos de espaço urbano e cidade, objetivando assim entender como estes se desenvolvem; o capítulo 3 traz uma abordagem sobre a produção do espaço urbano de Parintins, sua evolução e índices sócio-econômicos; o capítulo 4 evidencia o conceito de violência urbana, de furtos, roubos e homicídios, juntamente com dados da violência a nível nacional e local; no quinto capítulo fez-se uma reflexão acerca dos dados coletados e das obras pesquisadas; e no sexto capítulo realçou-se o sentimento de medo e insegurança na cidade.

A partir do que foi pesquisado, o trabalho teve como principais considerações que esta violência urbana provavelmente é derivada do intenso processo de urbanização que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas, indissociável dos diversos problemas urbanos, destacando a desigualdade sócio-econômica, a proliferação das drogas ilícitas, anexo ao sentimento de impunidade a quem comete crimes. Ressalta-se que é uma minoria da população que comete esses crimes e não é o fato de ser de baixa renda que quer dizer que a pessoa vá cometer crimes, pois a maioria da população vive honestamente, se esquivando das adversidades impostas pelo capitalismo, além da existência de inúmeras pessoas com melhor poder aquisitivo que cometem inúmeros delitos.

Nesse sentido, é notória a necessidade de uma melhor gestão e políticas públicas que possam atender aos anseios da sociedade em geral, com uma melhor assistência educacional,

de saúde, de segurança, geração de empregos, lazer, qualificação técnica profissional principalmente aos jovens de baixa renda, moradias dignas, entre outros, além de punições mais duras a quem comete crimes, possibilitando assim uma sociedade mais harmoniosa e segura.

2. Compreendendo o espaço urbano/cidade

Definir um conceito para a cidade não é tarefa fácil, você percebe isso ao perguntar empiricamente seu conceito para si próprio ou a qualquer pessoa, a priori pode perceber um silêncio e logo em seguida poderão surgir respostas das mais variadas possíveis, desde aglomeração humana até a materialização das cidades, como sendo um espaço onde tenham prédios, veículos, casas, escolas, universidades, entre outros, além de um espaço onde se prestam os mais distintos serviços.

Antes de destacarmos alguns conceitos de espaço urbano e cidade, é necessário que conheçamos o conceito de espaço utilizado no presente trabalho. O espaço em questão é o geográfico, resultado da ação do homem. Trata-se de um produto das relações entre o homem e a natureza em prol de um modo de produção que almeja exclusivamente o lucro. Carlos (2013) destaca que o espaço geográfico é um produto que oriunda da ação humana e que se processa através do tempo atendendo à lógica do modo de produção capitalista.

Se o espaço em que vivemos no nosso dia-a-dia e os demais espaços do mundo são produzidos de acordo com os interesses do modo de produção capitalista, é necessário também que tenhamos o entendimento sobre tal modo de produção, pois as ações por ele desenvolvidas influenciam diretamente a vida da sociedade nas cidades e em áreas rurais. Sposito (2008) destaca que é a partir do desenvolvimento do modo de produção capitalista que o urbano e as cidades passam a ganhar expressividade, sobretudo a partir da Revolução Industrial no século XVIII, principalmente com o advento da máquina a vapor e de estradas de ferro para escoar a produção, entre outros, frutos da consequência do processo de expansão capitalista desde o século XIV.

Esse modo de produção surge ao final da Idade Média no continente Europeu, sucedendo o modo de produção feudal, o feudalismo, de caráter basicamente agrícola, não havendo uma divisão social mais complexa (com a existência de várias profissões), com produção artesanal, limitada e realizada à base da instituição da servidão, dispondo de uma

economia fechada onde o comércio era restrito ao local e realizado mediante o “escambo”, ou seja, realizado entre trocas de produtos, sem a utilização de dinheiro.

O capitalismo é um modo de produção que objetiva prioritariamente o lucro, a acumulação e reprodução do dinheiro através da indústria e do mercantilismo. Na fase inicial de seu desenvolvimento as atividades comerciais passaram a ser praticadas mediante o capital, ou seja, com a utilização de dinheiro e com aumento da produção industrial decorrentes da manufatura. A partir daí os comerciantes que acumulavam o capital, gerando riquezas, passaram a ser titulados de capitalistas, surgindo assim duas classes sociais distintas e desiguais, com os capitalistas sendo a classe comercial burguesa, a burguesia, e o proletariado, sendo a classe da massa trabalhadora, do serviço explorado, da pouca remuneração.

Paralelo às duas classes sociais se encontra a realeza, o Estado, os governantes políticos em si, que contribuem na produção e reprodução do espaço e da sociedade em prol desse modo de produção, da classe social dominante, dos grandes empresários (grande parte dos governantes também são empresários), em detrimento dos interesses da sociedade em geral. Isto pode ser percebido, por exemplo, quando observamos inúmeras vantagens oferecidas a grandes grupos empresariais em prol do “progresso” do país, como oferecer empréstimos milionários, infra-estrutura para atender grandes indústrias, enquanto a população fica sem amparo estatal, estando à margem desse “progresso”.

Ao se expandir, o capitalismo propicia também o intenso processo de urbanização. A urbanização, de acordo com Sposito (2008), é um processo decorrente do modo de produção capitalista, o qual vai se expandindo em decorrência da industrialização e do mercantilismo, gerando intensas desigualdades devido à não contemplação da sociedade em geral. Ou seja, principalmente nas cidades, onde se concentram grande parte das indústrias e do comércio, estas vão atraindo um número cada vez maior de pessoas em busca de melhorias de vida, sofrendo um crescimento demográfico de forma desordenada e sem planejamento urbano algum, e faz com que as pessoas se deparem com uma realidade adversa, com um elevado número de desemprego, violência, falta de moradias dignas, entre outros.

Sposito (2008) destaca que é através da indústria que esse processo de urbanização se expande. Esse processo se intensifica a partir do advento da maquinofatura na Europa no século XVIII e com o surgimento do trabalho assalariado, assim como a partir das leis que incentivavam o êxodo rural objetivando mão-de-obra, devido às indústrias encontrarem-se nas

idades, o que acabou atraindo muitas pessoas do campo em busca de melhorias de vida. Em pouco tempo o número da população residindo em cidades aumentou e havendo mão-de-obra farta, a mesma torna-se de baixo custo para o proprietário dos meios de produção.

Além da mão-de-obra com baixo custo, surgiam outros problemas decorrentes desse processo de urbanização, pois não havia trabalho para todos e aqueles que conseguiam se submetiam a trabalhos escravos, com grandes jornadas de trabalho e salário irrisório, propiciando cada vez mais lucros para os grandes empresários e gerando uma grande desigualdade de renda, e onde as condições das cidades para atender toda essa população eram mínimas, assim como nos dias hoje.

Com relação a essa desigualdade de renda, conforme o Censo do IBGE (2010), de um total de 77.504 habitantes do município com 10 anos ou mais de idade, 32.854 não possuíam rendimento mensal algum, e 30.580 possuíam rendimentos mensais de até 01 salário mínimo, tendo como principais atividades econômicas a agricultura, pesca, pecuária, aquicultura, indústrias extrativas, entre outros, contrapondo ao número de pessoas com renda mensal entre 10 e 20 salários mínimos, que eram 251, e com o número de pessoas que obtinham renda mensal superior a 20 salários mínimos, 142, revelando uma grande desigualdade de renda no município.

Carlos (2013, p.24) enfatiza que essa desigualdade também “pode ser percebida “no olhar-se a paisagem”, é conseqüência dos contrastes decorrentes do processo de produção do espaço urbano”. Isso fica mais notório quando em uma mesma cidade evidenciamos disparidades ao olharmos em nosso entorno, onde podemos evidenciar casarões ao lado de casas bem humildes, onde há pessoas desfrutando de uma boa situação econômica enquanto uma grande parte luta para sobreviver, trabalhando principalmente de forma autônoma devido ao elevado número de desemprego, ou quando os governantes de uma cidade, estado, ou país deixam de investir em serviços básicos à sociedade, como educação, saúde, segurança, saneamento básico etc., enquanto não poupam investimentos no setor privado, contribuindo para o desenvolvimento econômico de poucos, lhes dando vantagens em detrimento do bem-estar da sociedade.

Carlos (2013) salienta que o urbano é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, sendo além de um modo de produzir e de consumir, também um modo de pensar, de sentir, um modo de vida. Nesse sentido a autora nos passa que o urbano é algo que está dentro de cada um de nós, ele vai mudando a partir das relações entre

as pessoas, baseadas no dinheiro, relações estas que a autora chama de coisificadas. Podemos identificar o urbano não somente nas cidades, mas também nas comunidades ribeirinhas, às margens dos rios, onde os habitantes passam a adquirir hábitos, produtos e serviços típicos das cidades, como exemplo o consumo de produtos da indústria capitalista, destacando os eletro-eletrônicos e alimentícios, também a contratação de serviços de TV a cabo, internet, entre outros, ou seja, integrando-se com o mundo e adquirindo novos hábitos, emoções, sentimentos, ou seja, novos modos de vida. Com relação à cidade, a autora destaca como sendo

a materialização do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É a materialização de relações da história dos homens, normatizadas por ideologias; é uma forma de pensar, sentir, consumir; é um modo de vida, de uma vida contraditória. (CARLOS, 2013, p. 26).

A autora destaca que a cidade, portanto, não pode ser classificada apenas como uma aglomeração humana, vai muito além disso e de sua materialidade, sendo também um modo de viver, de consumir, com as pessoas vivendo cada uma de sua maneira, desempenhando profissões distintas em decorrência da divisão social do trabalho, determinadas pelas relações do processo de produção e reprodução do sistema capitalista e da sociedade. As cidades sendo cheias de emoções, sentimentos, modos de viver e atendendo aos anseios capitalistas, e o urbano passando a estar dentro de cada um, não se limitando à cidade em si, mas se disseminando para as demais áreas dos municípios, difundindo a vivência do urbano, onde as pessoas passam a consumir produtos, a adquirir serviços e reproduzir hábitos típicos das grandes cidades.

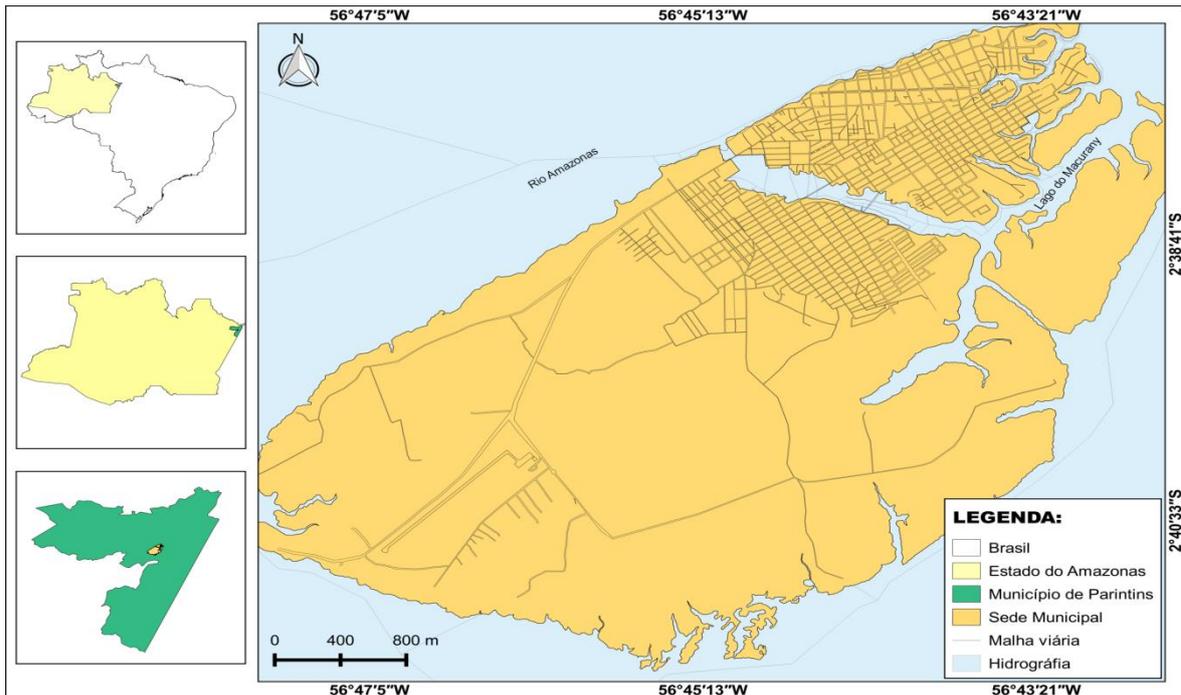
Com relação ao espaço urbano, Correa (1995, p. 7-9) destaca que este é “um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si [...] é fragmentado, articulado, reflexo e condicionante da sociedade, um conjunto de símbolos e campo de lutas”. Nesse caso, o espaço urbano se trata da cidade em si, onde se concentram as principais atividades voltadas à expansão do modo de produção capitalista, ou seja, onde se desenvolvem as principais atividades comerciais e industriais, é onde se concentram os gerenciamentos privados e estatais e os mais variados serviços, entre outros, e, principalmente, onde se percebe as grandes desigualdades, reflexo característico desse modo de produção decorrente de sua expansão. Carlos aponta que a cidade “é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista”. (CARLOS, 2013, p. 25-26)

Esse conjunto de diferentes usos da terra, fragmentados e articulados, é reflexo de uma sociedade estruturada em classes, produzida e reproduzida de maneira desigual, atendendo à lógica de reprodução do capital, privilegiando uma minoria e deixando grande parte da população sem serviços básicos necessários, o que acaba tornando o espaço urbano um campo de lutas, onde as pessoas passam literalmente a “sobreviver” e reivindicar por melhores condições de vida, e apesar das adversidades impostas pelo sistema vigente, vão sobrevivendo e buscando melhorias de vida pra si e pra seus familiares.

Antes de nos aprofundarmos no objetivo geral da pesquisa, no capítulo a seguir destaca-se o breve histórico do surgimento de Parintins, para que possamos entender a complexidade de sua organização, as transformações sociais que ocorreram através do tempo e que resultou na Parintins de hoje. Sposito (2008) enfatiza que para entendermos a cidade de hoje é necessário que voltemos às suas origens, na tentativa de reconstruir a sua trajetória, mesmo que de forma substancial, sendo que a cidade é história, resultado cumulativo de todas as cidades do passado.

3. Processo de produção do espaço urbano de Parintins

O município de Parintins localiza-se no Estado do Amazonas, possuindo uma área territorial de 5.952.378 km², com uma densidade demográfica de 17,14 hab/km² no ano de 2010. A cidade está situada à margem direita do Rio Amazonas e dista 368,80 km em linha reta da capital do estado, Manaus, e 420 km via fluvial. Abaixo a localização da cidade de Parintins.



Fonte: IBGE (2010)

Organizador: SANTARÉM JR, LAURO (2018)

A construção do espaço urbano de Parintins, assim como as demais cidades da Amazônia brasileira, é fruto da geopolítica da Coroa Portuguesa com o objetivo de explorar e ocupar a Região como parte e consequência do processo de expansão econômico europeu. Para entendermos a Parintins de hoje é necessário que façamos uma análise do início do seu processo de ocupação e evolução até os dias atuais.

Souza (2013) destaca que para entendermos os municípios da Amazônia, em especial Parintins, seu processo de ocupação e de apropriação do espaço, é necessário refletir sobre o papel dos primeiros núcleos coloniais existentes na região, gêneses das cidades, fruto da geopolítica da Coroa Portuguesa. Essa geopolítica se deu através da instalação de Fortes³ e Aldeias Missionárias⁴ no seu processo de colonização, com o objetivo de explorar e ocupar a Região como parte e consequência do processo de expansão econômico europeu.

Os Fortes foram importantes nesse processo de ocupação da Amazônia na defesa do território, visto que, como aponta Rezende (2006), nesse período a região não era unicamente explorada por portugueses, mas também por espanhóis, ingleses, franceses e holandeses. O primeiro a ser criado foi o Forte do Presépio, atual Belém do Pará, principal acesso para a

³ Também conhecidas como fortalezas, são estruturas arquitetônicas militares projetadas para a guerra defensiva. Rezende (2006)

⁴ Foram os aldeamentos indígenas organizados e administrados pelos padres jesuítas no Novo Mundo, como parte de sua obra de cunho civilizador e evangelizador. Rezende (2006)

Amazônia vindo pelo Atlântico, isto em 1616, e as missões sendo utilizadas no intuito de catequizar e socializar os índios que habitavam a região.

Vale ressaltar que no início da ocupação da Amazônia pelos europeus, em 1616, Espanha e Portugal dispunham de apenas um rei para as duas coroas (União Ibérica, 1580/1640), o rei da Espanha, e grande parte da área correspondente à Amazônia, segundo o Tratado de Tordesilhas⁵, era pertencente ao governo espanhol. De acordo com Rezende (2006), o governo português se utilizou de algumas estratégias para que se pudesse garantir a posse da Amazônia, penetrando-a para além da divisa do Tratado. Algumas das estratégias foram a expulsão de estrangeiros da região e criação de Fortes e Aldeias Missionárias, promovendo o povoamento do território e garantindo sua defesa e sua posse, baseando-se no princípio militar *Uti Possidetis*, que garante a terra a quem dela mantém controle político e militar. A construção de fortes e aldeias missionárias se estendeu ao longo dos rios da região, única via de acesso à época, expandindo o território português.

Bittencourt (2001) salienta que o início do processo de produção de Parintins ocorreu quando em 1796, em uma das viagens de exploração do governo português à região amazônica, chegou à ilha o Capitão José Pedro Cordovil com seus escravos e subordinados, se dedicando à agricultura e à pesca do pirarucu. O plantio era voltado à cultura do cacau, tabaco, guaraná, entre outros, produtos estes chamados de drogas do sertão, os quais estavam com alto valor comercial no continente Asiático. Dom Arcângelo também enfatiza que “em 1796 aportou na vila o sertanista português, capitão de milícias José Pedro Cordovil, com seus escravos e agregados, o que fixou residência.” (CERQUA, 1980. p. 33).

O início da produção do espaço urbano de Parintins, assim como nas demais cidades da região, como aponta Shor (2013), foi um fato basicamente político, onde a geopolítica portuguesa orquestrou a ocupação do território até então espanhol, assim como os demais da região, com a presença de portugueses, negros e indígenas (estes sendo inseridos ao mundo europeu, seguindo regras e normas do homem branco), posteriormente se beneficiando do fator econômico, com a exploração do trabalho e exportação de produtos.

Parintins era primitivamente habitada por indígenas, assim como os demais núcleos populacionais da região, entre eles os Tupinambaranas, descendentes do grupo dos Tupis,

⁵ Foi um acordo, também chamado de *Tratado da Capitulação da Partição do Mar Oceano*, assinado em 07 de Junho de 1494, o qual regulava a partilha entre Espanha e Portugal das terras encontradas e a serem encontradas no Atlântico, partilha feita a partir da contagem de 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Rezende (2006)

cujo nome foi dado ao local por Cordovil, chamando-a de Tupinambarana. De acordo com (CERQUA, 1980. p. 13), a palavra Tupinambá “significa “homem viril, homem forte” e “Tupinambarana” quer dizer “tupi não verdadeiro, mas derivado da mestiçagem”. O autor expõe que os Tupis não habitavam o local até a chegada dos portugueses à faixa atlântica brasileira, fator este que motivou a fuga dessa etnia à região amazônica, miscigenando-se com demais grupos étnicos, como destaca Cerqua *apud* Maurício Henriarte (Descrição do Maranhão, Pará etc... pág. 162/165), “os primeiros habitantes de Parintins foram os índios Aratu, Apocuitara, Yara, Godi, Curiatós”.

Parintins no início de seu desenvolvimento teve um crescimento populacional graças à ação do Frei José Álvares das Chagas, este enviado pelo então governador do Grão Pará e Rio Negro⁶, Dom Marcos de Noronha e Brito, o Conde dos Arcos, que lhes deu autonomia para atuar na ilha em sua missão religiosa, o qual atraiu um grande número de índios para habitar a ilha, entre eles os Maués, possibilitando-os desenvolvimento civil e religioso. (CERQUA, 1980. p. 34) destaca que Parintins “talvez só a ele deva sua existência ou sua tal ou qual prosperidade”.

A atuação do Conde dos Arcos também se mostra fundamental para o desenvolvimento de Parintins, este instruindo José Pedro Cordovil a manter-se em harmonia com os missionários na propagação do catolicismo, além do interesse no desenvolvimento da região de Parintins, como a exigência a Cordovil que ao menos um terço da população se encontrasse empregada, principalmente na pesca e agricultura. De acordo com (CERQUA, 1980. p. 43) o Conde dos Arcos dava “orientações de ordem espiritual e normas práticas para o bem material do povo, escrevendo às autoridades civis e ao padre, fomentando sempre concórdia e colaboração”.

A cidade passou a se chamar Parintins a partir do nome de outro grupo indígena que habitava a região, os Parintintins. Parintins recebeu várias denominações no decorrer do tempo até sua elevação à cidade, tais como: Vila Nova da Rainha, em 1803, em homenagem à Rainha D. Maria I, quando foi elevada à categoria de missão religiosa; Nossa Senhora do Carmo de Tupinambarana, em 1832, quando foi elevada à categoria de Freguesia; Vila Bela da Imperatriz, em 1848, quando foi elevada à categoria de Vila. A criação do município foi confirmada pela lei nº 02, de 15 de outubro de 1852 e no dia 14 de março do ano seguinte se

⁶ O Estado do Grão-Pará e Rio Negro foi uma unidade administrativa criada em 1772 por Marquês de Pombal, no Norte da América portuguesa, a partir da cisão do Estado do Grão-Pará e Maranhão, compreendia as capitanias do Pará e do Rio Negro. Rezende (2006)

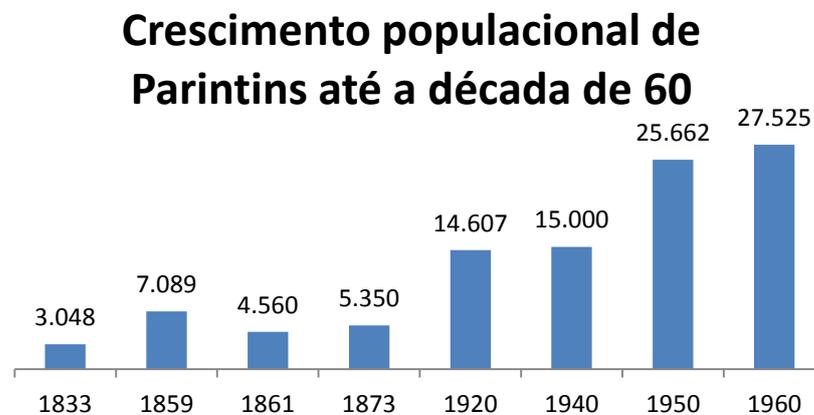
deu a instalação do município de Parintins. Em 30 de outubro 1880, de acordo com lei provincial nº 449, a sede do município recebeu foros de município e passou a se chamar Parintins.

3.1 Evolução urbana de Parintins

Parintins desde sua gênese dispôs de alguns fatores que influenciaram seu processo de expansão enquanto cidade, dentre eles algumas atividades econômicas que foram desenvolvidas tanto na cidade como na região, as quais culminaram com a vinda de pessoas de outros países, de outros estados brasileiros, de cidades vizinhas, além de moradores da área rural do município.

Essas atividades voltadas para o mercantilismo sempre atraíram pessoas com o intuito de obterem melhores condições de vida, visto que o modo de produção capitalista impõe ao homem novos modos de vida, os impulsionando a um mundo consumidor, os tornando cada vez mais dependentes do dinheiro, tanto para atender às suas necessidades básicas, como para comprar alimentos, roupas, remédios, entre outros, tanto para consumos em geral.

O gráfico abaixo destaca a o crescimento populacional no município de Parintins desde o ano de 1833, com dados de Bittencourt (2001) até 1920, e dados dos Censos Demográficos dos anos de 1940, 1950 e 1960.



Fonte: BITTENCOURT, 2001; IBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950 e 1960.

Parintins tem seu contingente populacional aumentado, exceto na segunda metade do século XIX que pode ser explicado como aponta Shor (2013), devido à estagnação econômica que a região sofreu neste período, após a decadência do comércio das drogas do sertão (1850), consequência da extinção da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão⁷ e do fato do cenário global não favorecer mais aos produtos tropicais. Com o fim do intenso comércio destes produtos, possivelmente muitas pessoas tenham retornado às suas cidades de origem. As atividades econômicas disseminaram-se de forma desigual na região, as quais geraram núcleos de povoamento diferenciados, por isso há na região a existência de distinção sócio-econômicas entre as cidades.

A cidade de Parintins assim como as demais da região passou por alguns ciclos econômicos, os quais atraíram um elevado número de pessoas visando trabalho e melhorias de vida para suas famílias. Para a cidade vieram moradores da região amazônica, de outros estados brasileiros assim como pessoas oriundas de outros países. Dentre os períodos econômicos, Shor (2013) destaca o das drogas do sertão (1655-1850); o da borracha (1850-1920); o período da juta (década de 30 à década de 80) e; o período bovino (1974-2008), período no qual o município oscilava entre a primeira e terceira posição no Censo Agropecuário, acolá do Festival Folclórico de Parintins⁸.

Shor (2013) aponta as drogas do sertão como impulso no processo de urbanização da região amazônica, principalmente com a implantação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, em 1755, por Marquês de Pombal⁹. Pombal tinha o objetivo de expandir as atividades produtivas nas áreas já pertencentes ao governo português e introduzir a economia amazônica ao mercado mundial. Em Parintins, a principal atividade foi a cultura do cacau, esta inserida desde a chegada de Cordovil, em 1796. No período em questão há somente dois registros demográficos, em 1833, com 3.048 habitantes e, em 1859, com 7.089 moradores, sofrendo um aumento populacional aproximado de 133%.

⁷ Foi uma unidade administrativa da colônia portuguesa na América do Sul. Rezende (2006)

⁸ O Festival de Parintins é uma festa popular realizada anualmente no último fim de semana de junho na cidade de Parintins, Amazonas, o qual atrai milhares de turistas. É uma apresentação a céu aberto de associações folclóricas, sendo o ponto mais importante do evento a disputa entre dois bois folclóricos, o Boi Caprichoso de cor azul e o Boi Garantido de cor vermelha. Azevedo Filho (2013)

⁹ Sebastião José Carvalho e Melo foi um político português e verdadeiro dirigente do país, durante o reinado de José I. Rezende (2006)

Souza (2013) também enfatiza que vários fatores contribuíram para a formação e consolidação da cidade de Parintins até os anos 60 do século XX, entre os quais se realçam os períodos econômicos que impulsionaram a urbanização. Dentre os períodos destacam-se o período da extração, onde se destacavam principalmente as atividades de pescadao, com grande predominância da pesca do pirarucu; o período do cacau; período da pecuária e; o da juta¹⁰. Essas atividades voltadas à exportação atraíram muitas pessoas para a cidade em busca de riquezas e melhores oportunidades de vida, acelerando o processo de urbanização, ampliando o espaço urbano de Parintins. Destacando o período do cacau, a autora diz que

Os coronéis do cacau fizeram grandes fortunas e construíram vários prédios na cidade, a riqueza pela produção do cacau serviu como atrativo para vinda de pessoas de outros lugares. Vieram portugueses, franceses e judeus que residiam em outras localidades, bem como moradores de Estados, municípios e vilas vizinhas. (SOUZA; 2013. p. 36)

Após o declínio da comercialização das “drogas do sertão” no cenário mundial, outra atividade econômica ganhou expressão na região amazônica, a extração da borracha, período este que iniciou-se em meados do século XIX até a segunda década do século XX, atraindo um grande número de pessoas para a região. Na cidade de Parintins, comparando o período entre 1861 e 1920, percebe-se um aumento populacional de mais de 220% nesses 60 anos, com a mesma ganhando investimentos para a reprodução do capital. Com enfoque nesse período, Shor destaca que

a Vila de Serpa e a Vila Bela de Imperatriz são elevadas à categoria de cidades, tornando-se Itacoatiara e Parintins, respectivamente. As duas cidades se modernizam graças aos investimentos propiciados pelo desenvolvimento da economia do látex, destacando-se pelo crescimento populacional e por suas economias. (SHOR, 2013, p. 240)

Assim como as demais cidades da região, Parintins entra num ciclo de desenvolvimento econômico e crescimento populacional a partir do boom da borracha¹¹, fator que propiciou modificações em sua dinâmica, paisagem e conferiu destaque entre as demais

¹⁰ A juta (*Corchorus capsularis*) é uma fibra têxtil vegetal que provém da família *Tilioidae*. Esta erva lenhosa alcança uma altura de 3 a 4 metros e o seu talo tem uma grossura de aproximadamente 20 mm, crescendo em climas úmidos e tropicais. A época de semear varia, segundo a natureza e o clima. Wikipédia

¹¹ Período compreendido entre 1850 e 1920, onde houve o aumento da extração do látex da borracha e conseqüentemente exportação para o mercado mundial, revalorizando a economia da região amazônica, intensificando as relações entre os núcleos urbanos e modernizando algumas cidades graças aos investimentos propiciados pelo desenvolvimento da economia do látex, destacando-se pelo crescimento populacional e por suas economias. Shor (2013)

como uma das referências de desenvolvimento na região, assim também como a modificar hábitos e costumes da população em decorrência do processo de urbanização que a cidade sofrera.

Sposito (2008) salienta que a urbanização é um processo oriundo do modo de produção capitalista decorrente da expansão da industrialização e mercantilização, onde, principalmente as cidades, passam a crescer demograficamente de forma desordenada e acarretando diversos problemas urbanos, entre eles o desemprego, violência, falta de saneamento básico, falta de moradias, entre outros.

Assim como o período econômico das “drogas do sertão”, a extração da borracha também entra em decadência, este devido a inserção desta cultura no continente asiático, também com clima quente e úmido, propício para esta prática, isto após a retirada de sementes e mudas da região, o que fez com que a região ganhasse concorrência no cenário mundial e entrasse, como aponta Shor (2013) em uma segunda estagnação econômica, levando a diminuição da migração para a Amazônia, assim como o refluxo de pessoas para suas áreas de origem e diminuição da população de pequenas cidades. Em Parintins percebe-se também uma estagnação no que diz respeito ao número de habitantes nesse período, com um aumento de menos de 400 entre os anos de 1920 e 1940.

Após estas décadas, em Parintins e em algumas outras cidades se desenvolveram atividades econômicas alternativas, que mantiveram o crescimento populacional e econômico da cidade, principalmente a partir do anos 30 do século XX, no qual a juta passou a ser um expoente na economia regional, onde, conforme Shor (2013), já dispunha de indústrias voltadas para a produção de sacarias, telas, tapetes, entre outros, os quais eram revendidos para Manaus e a região centro-sul do país. Entre os anos de 1940 e 1950 do século XX, período em ascensão da juta, houve um aumento populacional de mais de 70%, saltando de 15.000 habitantes para 25.662, respectivamente. Segundo Shor, o período econômico da juta se inicia

com a chegada de uma missão, chefiada pelo deputado, Dr. TsukasaUetsuka, vindo do Japão, com a finalidade de escolher um local no município destinado a instalação do núcleo de Kotakuseis [...] o Instituto de Estudos Agrícolas para Imigração Japonesa, localizado onde hoje é a Vila Amazônia, zona rural do município próximo à cidade [...] tinha como objetivo desenvolver a cultura da juta na região [...] com sementes vindas da Índia. (SHOR, 2013, p. 241-242)

No início a inserção desta cultura na região, não foi obtido sucesso devido a fibra ser de outra região, com características diferentes o qual a planta não se adaptou, o que foi

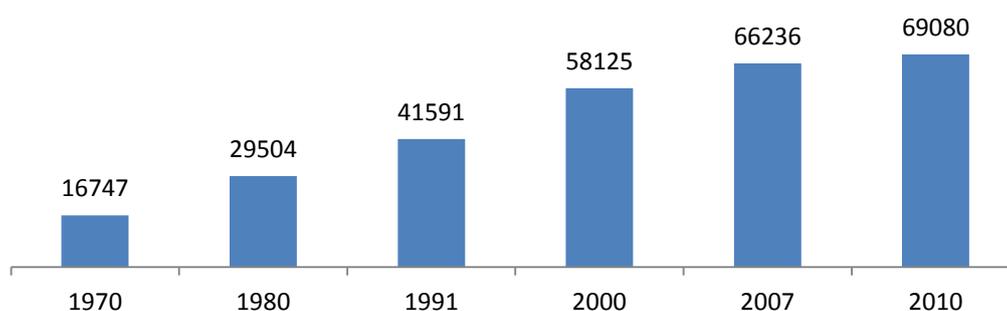
resolvido através da realização de vários testes por Ryota Oyama, um técnico agrícola japonês que conseguiu produzir sementes que se adaptassem à região, o que fez com que o cultivo da juta, segundo Shor (2013) atraísse o interesse tanto dos colonos japoneses quanto de ribeirinhos da área rural do município e se tornasse a principal atividade econômica entre a década de 30 e meados da década de 70 do século XX, com o seu declínio, devido aos altos custos industriais, inserção de novos produtos com outros materiais e diminuição da demanda.

Entre a década de 40 e 80 do século XX, Parintins obteve um crescimento demográfico de mais de 242%, saltando de 15.000 habitantes para 51.381, respectivamente. Foi no início da década de 80 que a população residente na cidade (29.504 habitantes) superou a da zona rural (21.877 habitantes), fato este que vem aumentando a cada ano.

A partir da década de 80, o período bovino ganha destaque tanto pela posição no Censo Agropecuário quanto pelo Festival Folclórico de Parintins. Conforme Shor (2013), essas atividades tornaram-se de grande importância economicamente, em paralelo principalmente nos dias atuais com a economia do “colarinho branco”, aqueles que conseguem cargos públicos por indicação de políticos e o setor de serviços, este principalmente voltado ao ensino superior, onde muitas pessoas migram para a cidade em prol de uma qualificação profissional. Vale ressaltar que essas atividades econômicas desenvolvidas na cidade atenderam e atendem apenas a uma pequena parcela da população, não contemplando a sociedade em geral, característica do processo de urbanização.

Entre os anos de 1980 e 1991, conforme o gráfico abaixo, a população urbana da cidade se elevou em aproximadamente 41%, o qual continuou crescente nos censos de 2000 e 2010, com elevação aproximadamente de 40% e 19%, respectivamente.

Crescimento populacional de Parintins de 1970 à 2010



Fonte: Censo Demográfico; 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.

Segundo o último Censo do IBGE, no ano de 2010, o município de Parintins tinha uma população total de 102.033 habitantes, população esta com 69.890 residindo na área urbana do município, totalizando cerca de 69,5% da população. Grande parte do processo de urbanização também ocorre devido à cidade de Parintins, se comparada a outras próximas, dispor de melhores serviços essenciais à população, como escolas, universidades, hospitais, atividades de comércio, entre outros, atraindo pessoas vindas de outros lugares em busca de melhorias de condições de vida, principalmente das áreas rurais, impulsionando a urbanização, isto sem um planejamento urbano com devida adoção de serviços necessários à vida na cidade.

Segundo dados do IBGE, o crescimento populacional do município de Parintins saltou de 27.525 habitantes, em 1960, para 102.033 em 2010. Em meio século o município cresceu aproximadamente 270%, com grande parte morando na cidade. Esse processo de urbanização acelerada e sem planejamento gera problemas, como falta de moradias dignas, ausência de saneamento básico, de transporte, de áreas de lazer, de assistência médica de qualidade, alto índice de desemprego, violência, entre outros. Ainda de acordo com o IBGE, a estimativa para a população do município de Parintins seria de 112.716 no ano de 2016, um aumento de aproximadamente 10% em relação ao censo de 2010.

3.2 Índices socioeconômicos da cidade de Parintins

De acordo com o Censo do IBGE (2010), a população do município de Parintins era de 102.033 habitantes, com aproximadamente 11% de aumento se comparado ao ano de 2000, com 99.118. Dos 102.033 habitantes, conforme o Censo, 69.080 habitavam o espaço urbano do município, ou seja, aproximadamente 68% moravam na cidade e, 32.143 residindo na área rural do município, o equivalente a aproximadamente 32%. A estimativa da população do município de Parintins para o ano de 2017 era de 113.832 habitantes, aproximadamente 12% a mais em relação ao ano de 2010.

No ano de 2010, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita da população de Parintins, ou seja, a soma de todos os bens do município dividido pela quantidade de habitantes era de R\$6.504,35. Comparando com a capital do estado e com Nhamundá, um município próximo, os PIB's são R\$ 26.760,96 e R\$ 6.189,31, respectivamente.

Do total de 102.033 habitantes residentes no município de Parintins, haviam 77.504 com 10 anos ou mais de idade na semana de referência da coleta de dados. Abaixo a tabela mostra os rendimentos mensais destes habitantes do município.

| Renda Mensal | R\$ |
|----------------------------------|---------------|
| Até 1 salário mínimo | 30.580 |
| Mais de 1 a 2 salários mínimos | 8.378 |
| Mais de 2 a 3 salários mínimos | 2.173 |
| Mais de 3 a 5 salários mínimos | 2.014 |
| Mais de 5 a 10 salários mínimos | 1.112 |
| Mais de 10 a 20 salários mínimos | 251 |
| Mais de 20 salários mínimos | 142 |
| Sem rendimento | 32.854 |
| Total | 77.504 |

Fonte: Censo do IBGE (2010)

Podemos perceber que dos 77.504 habitantes do município com 10 anos ou mais de idade, aproximadamente 40% possuía um rendimento mensal de até 01 salário mínimo, e aproximadamente 42% não tinham rendimento algum, confirmando uma grande desigualdade de renda se comparada ao número de pessoas que ganhavam mais de vinte salários mínimos mensais, que eram 142, e das que ganhavam entre 10 a 20 salários mínimos, 251 pessoas. Se formos fazer uma soma da população sem rendimento e da população que ganhava até um salário mínimo mensal, chegamos a um total de 63.434, ou seja, aproximadamente 82%. Abaixo se destacam as atividades de trabalho principal da população economicamente ativa.

| Atividades como atividade de trabalho principal | Quantidade |
|--|-------------------|
| Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura | 10.123 |
| Indústrias extrativas | 5.932 |
| Indústrias de transformação | 2.599 |
| Eletricidade e gás | 2.337 |
| Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação | 2.156 |
| Construção | 2.149 |
| Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas | 1.964 |
| Transporte, armazenagem e correio | 1.601 |
| Alojamento e alimentação | 1.221 |
| Informação e comunicação | 1.166 |

| | |
|--|-------|
| Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados | 1.041 |
| Atividades imobiliárias | 891 |
| Atividades profissionais, científicas e técnicas | 732 |
| Atividades administrativas e serviços complementares | 593 |
| Administração pública, defesa e seguridade social | 248 |
| Educação | 229 |
| Saúde humana e serviços sociais | 177 |
| Artes, cultura, esporte e recreação | 141 |
| Outras atividades de serviços | 94 |

Fonte: Censo IBGE (2010)

Podemos observar a variedade de atividades econômicas desenvolvidas em Parintins no ano em questão evidenciando uma divisão social do trabalho bem complexa, em sua maioria voltadas a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e criação de animais e plantas aquáticas, isto possivelmente devido à falta de empregos na cidade, contribuindo na expansão do trabalho informal.

A tabela acima nos mostra que a maioria população busca diversas alternativas como meio de adquirir um rendimento no dia-a-dia para atender suas necessidades e desejos, entretanto, nota-se a precisão de mais empregos na cidade, devido ao elevado número de pessoas sem rendimento, pois o desemprego é alegado como um dos principais fatores propulsores da violência, tema este que será abordado a seguir. Mas isso não quer dizer que o fato de ser de baixa renda que a pessoa vá cometer crimes, pois existem inúmeras pessoas com melhor poder aquisitivo que fazem isso. A maioria da população é de baixa renda e vive honestamente, porém, uma pequena parcela usa alguns subterfúgios para adquirir rendimento, principalmente cometendo violência.

4 A Violência urbana

A palavra violência é uma das mais pronunciadas no nosso cotidiano, percebe-se isso ao observar as notícias veiculadas na TV, nos jornais impressos, nas redes sociais, nas escolas, nas ruas. A violência produz reflexos perante a sociedade, gerando o sentimento de

medo e insegurança, entretanto, trata-se de um amplo termo que possui múltiplos significados.

A palavra deriva do latim da palavra *violentia*, que significa qualquer comportamento que emana da força, sendo uma ação contra si próprio, contra qualquer pessoa ou objeto. O termo violência possui diversos sentidos, podendo designar a

uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história desprezível, a indiferença ante o sofrimento alheio, a negligência com os idosos, a decisão política que produz conseqüências sociais nefastas (...) e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes. (SOARES et al., 2005, p. 245-246)

Nesse sentido podem ser consideradas diversas definições para a palavra violência, como exemplo a injúria, a homofobia, o furto, o roubo, o homicídio, o desrespeito à família, à cor/etnia/religião de terceiros, a corrupção na política e na vida social, como exemplo o desvio de recursos públicos e o ato de “furar a fila” nos mais diversos estabelecimentos, também podem ser consideradas as brigas de trânsito, a força das águas solapando o solo às margens dos rios, até mesmo a ausência de políticas públicas por parte do governo para com que a sociedade tenha uma vida digna e de qualidade pode ser considerada uma violência, entre muitas outras definições. Misse enfatiza que “não existe violência, mas violências, múltiplas, plurais, em diferentes graus de visibilidade, de abstração e de definição de suas alteridades”. (MISSE, 1999, p. 43).

Devido à existência de uma gama de conceitos para o termo violência, fez-se necessária sua delimitação com a finalidade de expor o foco do trabalho. Misse (1999) associa a violência a um conjunto de eventos, coisas e idéias que ameaçam a sociedade em geral, sua paz, sua harmonia, sua justiça, ou seja, tudo o que a sociedade julga como *idealidade* (grifo do autor) negativa, contraposta a uma *idealidade* positiva. Para que se pudesse embasar o conceito de maneira mais consistente e o seu entendimento a nível mundial, no presente trabalho utilizou-se o conceito definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), que trata a violência como

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002, p. 5)

Nesse sentido o presente trabalho aborda o conceito de violência onde os atos praticados façam alusão ao uso da força física para com o próximo, fazendo a utilização de armas letais ou não, mesmo que de forma indireta, como se destaca a seguir o caso dos furtos, mas que causam dano econômico e que podem vir a se tornar roubos e a partir daí comprometer a integridade física das vítimas, podendo ainda lhes causar danos psicológicos oriundos de humilhações e ameaças, além de poder gerar homicídios, provocando o latrocínio, que significa roubo seguido de morte no estatuto penal, onde observamos diariamente essa violência nos noticiários de todo o Brasil.

A violência aqui abordada é a violência urbana em Parintins, limitada a furtos, roubos e homicídios, devido ao grande número de ocorrências desses crimes no espaço urbano nos últimos anos, de 2016 e 2017. Essas violências não ocorrem exclusivamente na cidade de Parintins, como podemos evidenciar ao observarmos os noticiários da TV, as notícias nas redes sociais, etc., ratificando essas práticas no mundo todo, práticas estas vinculadas ao modo de vida das cidades, geralmente associadas ao fator econômico, não que não ocorram no espaço rural, mas que possuam uma conexão com os problemas decorrentes do intenso processo de urbanização que a cidade e outras vêm sofrendo nas últimas décadas, e que sem planejamento urbano e com as desigualdades sociais impostas pelo capitalismo gera problemas como o foco da pesquisa em questão. A violência urbana trata-se de

Diversas manifestações da violência interpessoal explícita que, além de terem lugar no ambiente urbano, apresentem uma conexão bastante forte com a *espacialidade urbana* e/ou com problemas e estratégias de sobrevivência que revelam ao observador particularidades ao se concretizarem no meio citadino, ainda que não sejam exclusivamente “urbanos” (a pobreza e a criminalidade são, evidentemente, fenômenos tanto rurais quanto urbanos) e sejam alimentados por fatores que emergem e operam em diversas escalas, da local à internacional. (SOUZA, 2010, p. 52).

A alusão dessas violências ao modo de vida das cidades se faz pelo fato destas resultarem do intenso processo de urbanização que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas, onde o número de habitantes na cidade vem crescendo cada vez mais e a demanda de empregos, moradias dignas, melhores condições de vida em si não acompanham esse crescimento, ocasionando desempregos, ocupações irregulares, violência, etc., com relação à violência, esta não pode ser associada à população de maneira generalizada, visto que muitas pessoas apesar das dificuldades impostas pelo capitalismo buscam inúmeras alternativas de sobrevivência de maneira honesta e dentro da lei.

As violências em destaque, em sua maioria, são associadas ao fator econômico, onde uma parte da população se utiliza de subterfúgios ilegais para se esquivar das adversidades impostas pelo capitalismo com o intuito de adquirir dinheiro de maneira rápida e “fácil”, fator este em sua maioria coligado ao consumo e tráfico de drogas, salvo alguns casos de homicídios, que podem ocorrer decorrente de inúmeros fatores, como brigas entre vizinhos, acidentes de trânsito, entre outros. Outro fator conexo ao econômico se encontra a fragilidade da legislação e segurança brasileira, onde meliantes praticam crimes sabendo que caso sejam presos logo estarão em liberdade e cometendo delitos novamente. Vale ressaltar que esse sentimento de impunidade não se insere somente às violências em destaque, mas a todos os atos, violências passíveis de punição jurídica.

Em consonância com Souza a respeito do conceito de violência urbana, Misse (2002) destaca que a mesma se trata de uma variedade de eventos vinculados ao modo de vida das grandes cidades na contemporaneidade, havendo diversas motivações e se utilizando da força e do poder de dominação, mesmo que de forma não-intencional, como o autor destaca os casos de negligencia e as decorrentes do uso excessivo de drogas ilícitas e álcool. Nesse sentido a violência urbana trata-se de uma variedade de conflitos cotidianos, inerentes ao modo de vida das grandes cidades, onde algumas pessoas desprovidas de boas oportunidades na vida ou não, entram no mundo da violência tendo suas ações ligadas principalmente ao fator econômico e às drogas ilícitas.

4.1 A Violência urbana no Brasil

O Brasil vem sofrendo uma verdadeira calamidade com relação à violência urbana, constantes tiroteios, onda de “assaltos”, roubos a carros, a cargas, homicídios, entre outros assolam o país de norte a sul, deixando a população cada vez mais temerosa em relação à segurança pública. Tornou-se praticamente “comum” diariamente você assistir casos de violências dessas naturezas nos noticiários, tanto a nível local, regional, nacional e mundial. Costuma-se usar os homicídios como um dos principais indicadores que mede a violência no mundo, e no país, essa violência, nos anos entre 2005 e 2015, de acordo com o Atlas da Violência 2017, obteve números que se aproximam de 590.000 homicídios, com média anual de mais de 53.500 casos.

Esses números de casos de homicídios e demais violências acompanhamos diariamente nos mais diversos meios de comunicação, violências estas decorrentes de diversos possíveis fatores, como exposto adiante, e de inúmeras naturezas, exemplificando os homicídios posteriores a roubos, os de acidente no trânsito, os “acertos de contas” entre traficantes, a execução, a mando do tráfico, de inúmeros usuários de drogas que não pagam suas dívidas nas “bocas de fumo”, os homicídios decorrentes de ação policial assim como a execução de inúmeros policiais, os de motivação política, entre muitos outros tipos de homicídios que ocorrem no país. A tabela abaixo destaca os números de homicídios nos anos entre 2005 e 2015.

| Ano | Homicídios no Brasil |
|------|----------------------|
| 2005 | 48.136 |
| 2006 | 49.704 |
| 2007 | 48.219 |
| 2008 | 50.659 |
| 2009 | 52.043 |
| 2010 | 53.016 |
| 2011 | 52.807 |
| 2012 | 57.045 |
| 2013 | 57.396 |
| 2014 | 60.474 |
| 2015 | 59.080 |

Fonte: Atlas da Violência 2017.

Como podemos observar, o número de homicídios no país vem sofrendo um relativo aumento, com uma leve atenuada em 2015, mesmo assim com números alarmantes, que precisam ser pesquisados mais a fundo para assim poder identificar seus possíveis fatores. Diversos fatores são apontados como possíveis candidatos a explicar a violência no país, principalmente o elevado número de homicídios.

Em seu trabalho “Causas e Conseqüências do crime no Brasil”, Cerqueira (2014) enfatiza que existem inúmeros fatores que podem ter contribuído para o crescimento da violência que assola o país, dentre eles pode-se ressaltar os fatores sócio-econômicos, a expansão do comércio ilegal de drogas ilícitas, assim como da falha na legislação brasileira e segurança pública.

De acordo com o autor, os fatores sócio-econômicos, com a intensa desigualdade de renda e social, com intensa urbanização acompanhada das mazelas sociais, principalmente com o alto número de desempregos e ociosidade, podem ter influenciado significativamente

no aumento da violência urbana no país. Nesse sentido, não generalizando, inúmeras pessoas passam a cometer violências, como furtos, roubos e homicídios, por não disporem de amparo social e econômico, o que as deixam sem futuras perspectivas de vida, sem boa educação, sem oferta de empregos, sem políticas públicas voltadas ao bem estar social, as deixando na ociosidade, vulneráveis pela ausência de oportunidades e dinheiro, acolá do sentimento de revolta, pela restrição aos bens, serviços e produtos, como roupas pra sair, dinheiro para ir à festas, entre outros.

O autor destaca que “a falta de oportunidades nos mercados de trabalho legais e a concentração de renda engendram um grande estresse social nas grandes cidades e fizeram aumentar os incentivos a favor da participação nas atividades criminosas”. (CERQUEIRA, 2014, p. 42)

Sposito (2008) e Souza (2008) mencionam que a violência é um dos problemas urbanos decorrentes do rápido processo de urbanização que as cidades do mundo vêm sofrendo sem uma aliança com políticas públicas voltadas aos interesses sociais, ocasionando o elevado número de desemprego, falta de boa educação, falta de saneamento básico, falta de segurança, entre outros.

As cidades vão crescendo cada vez mais estruturalmente e economicamente, o que acaba atraindo inúmeras famílias na ânsia de melhorar de vida, tendo uma boa educação, com acesso a empregos, mas se deparam com cidades com desigualdade sócio-econômica, má distribuição de renda, falta de serviços básicos e necessários, falta de empregos, excesso de violência, o sentimento de medo e insegurança, entre outros.

Se formos fazer uma analogia com a violência, os fatores sócio-econômicos ainda estão bastantes presentes na atualidade, com uma parcela da população entrando para o mundo do crime e se justificando pela falta de melhores oportunidades na vida, o que as fazem escolherem caminhos curtos e ilegais para realizarem seus desejos e necessidades de consumo. Cerqueira destaca que “a frustração e o estresse causados pela privação relativa constituiriam os principais motivos para cometer crimes, até os que resultam em homicídios por razões interpessoais ou interesses econômicos”. (CERQUEIRA, 2014, p. 26)

De acordo com o Atlas da Violência 2017, a variação do número de homicídios no país foi de 22,7% de crescimento entre os anos de 2005 e 2015, com este aumento de forma heterogênea entre os estados brasileiros, exemplificando o estado de São Paulo com uma redução de 38,8% e o estado do Rio Grande do Norte com um aumento de 280,5%. A

pesquisa ainda destaca que nesse período a região que mais aumentou os números de homicídios foi a região Nordeste, com crescimento superior a 100% em cada estado, exceto o estado de Pernambuco, com uma redução de 11,2%. No país, só no ano de 2015, o número de homicídios no país foi de 59.080, confirmando o país com um dos mais violentos do mundo.

Com relação à região Norte, ainda de acordo com o Atlas da Violência 2017, houveram três estados com aumento no número de homicídios superior a 100% no período entre os anos de 2005 e 2015, tendo o estado de Tocantins com maior variação de 164,7%, seguido do estado do Amazonas com variação de 145,7%, e do estado do Pará, com variação de 90,8%. Vale ressaltar que o estado com maior número de homicídios na região é o estado do Pará, tendo só no ano de 2015 um total de 3.675 homicídios, seguido do estado do Amazonas, com 1.472 casos, e do estado de Rondônia, com 600. O estado de Tocantins, que adquiriu maior variação percentual no período em questão, obteve 503 homicídios registrados em 2015, tornando o estado como o quarto mais violento da região Norte.

O estado do Amazonas, de acordo com o Atlas da Violência 2017, vem sofrendo um relativo aumento nos números de homicídios no período entre os anos de 2005 e 2015, com uma leve moderada no ano de 2013 e depois novamente voltando a aumentar as estatísticas. O estado é o segundo mais violento da região norte, com um número de 11.380 assassinatos no período em questão, atrás apenas do estado do Pará, que totaliza 32.398 registros. Vale ressaltar que os dois estados são as maiores potências econômicas da região, onde homicídios se tornam cada vez mais frequentes.

Os homicídios associados ao tráfico de drogas também se destacam, como podemos evidenciar nas notícias e nos depoimentos de policiais e delegados nos mais diversos meios de comunicação, além de inúmeras referências bibliográficas. Praticamente todos os dias acompanhamos nos noticiários os homicídios possivelmente ocasionados por guerras entre facções rivais, as execuções de usuários devedores de drogas, assim como de pequenos traficantes que compram drogas para revender e não pagam pelo produto, além de outros homicídios decorrentes de roubos, na ânsia de angariar recursos para saciar o vício. Essa onda de violência, em sua maioria, como destaca Cerqueira (2014) e Francisquinho (2008), é decorrente da expansão do tráfico de drogas, onde os traficantes passam a defenderem seus pontos de vendas com a utilização de armas de fogo e passam a assassinar seus rivais e quem os deve, mantendo assim, respeito no mundo da criminalidade.

No tópico a seguir, será destacada a violência urbana em Parintins, delimitada em furtos, roubos e homicídios, enfatizando seus conceitos e números de registros no espaço urbano de município nos anos de 2016 e 2017, através de dados 3º Batalhão de Polícia Militar do Município.

4.2 A Violência urbana em Parintins

Em Parintins, os índices da violência urbana não fogem à regra em termos de crescimento dos dados concernentes aos gerais do Brasil. Nos últimos anos, exemplificando os números de registros de furtos, que aumentaram mais de 1.130% em apenas 05 anos, e os de roubos, com aumento de mais de 678% em 04 anos, causando na população o sentimento de medo e insegurança em relação à segurança pública.

É notório este sentimento de medo e insegurança quando observamos no cotidiano cada vez mais pessoas investindo em segurança particular, com o intuito de impedir ou dificultar a prática de quem comete essas violências. Atualmente há a presença de guardas particulares fazendo a segurança de ruas de diversos bairros da cidade, assim como em alguns estabelecimentos comerciais. Nota-se também um aumento de investimentos em cercas elétricas, câmeras de segurança, utilização de grades de ferro, muros com cacos de vidro, cadeados, entre muitos outros, na tentativa da sociedade resguardar seus bens materiais e suas integridades físicas.

Na cidade de Parintins em um passado não tão distante, observavam-se casas sem muros ou com muros baixos, pessoas em frente à noite, conversando, brincando, estudando, fazendo inúmeras atividades, coisa que já não é possível notarmos em diversos bairros, onde as pessoas passam a cada vez mais se manter prisioneiras dentro de suas próprias residências. Isso ocorre principalmente devido aos roubos, onde as pessoas são abordadas nas ruas e em diversos lugares, tendo seus bens materiais subtraídos “na marra”, como diz a expressão popular local, mediante a impossibilidade de reação, visto que geralmente quem comete essa violência chega com arma branca ou arma de fogo, o que pode inclusive gerar homicídio.

Além dos registros policiais, os noticiários locais e as redes sociais destacam a prática de furtos e roubos na cidade, em diversos bairros e a qualquer momento. São inúmeros os relatos de pessoas que tiveram seus bens subtraídos sem seu consentimento. Assunção e Vasconcelos enfatizam que

A cidade de Parintins situada no interior do Estado do Amazonas começa também a experimentar a realidade vivida antes somente pelos grandes centros urbanos. A incidência de crimes vem aumentando ano a ano e preocupa principalmente a população parintinense, afetando principalmente o comportamento das pessoas. (ASSUNÇÃO e VASCONCELOS, ano não identificado, p. 02)

Percebe-se esse aumento da violência e preocupação da sociedade quando acompanhamos diversos casos nos noticiários locais, nas ruas, nas conversas entre amigos e, agora cada vez mais freqüentes nas redes sociais, quando observamos inúmeras pessoas relatando terem sido vítimas principalmente de furtos e roubos. Se você perguntar de algum morador da cidade se já foi vítima dessas violências ou se conhece alguém que já tenha sido, a resposta geralmente é positiva, pessoas que tiveram seus bens materiais subtraídos, com ou sem mediante autorização e/ou ameaça, pessoas que lutam no dia-a-dia para conseguirem seus bens, lhes restando prejuízos e o sentimento de medo e insegurança, o que as fazem utilizar políticas pessoais para garantirem sua segurança e de suas famílias.

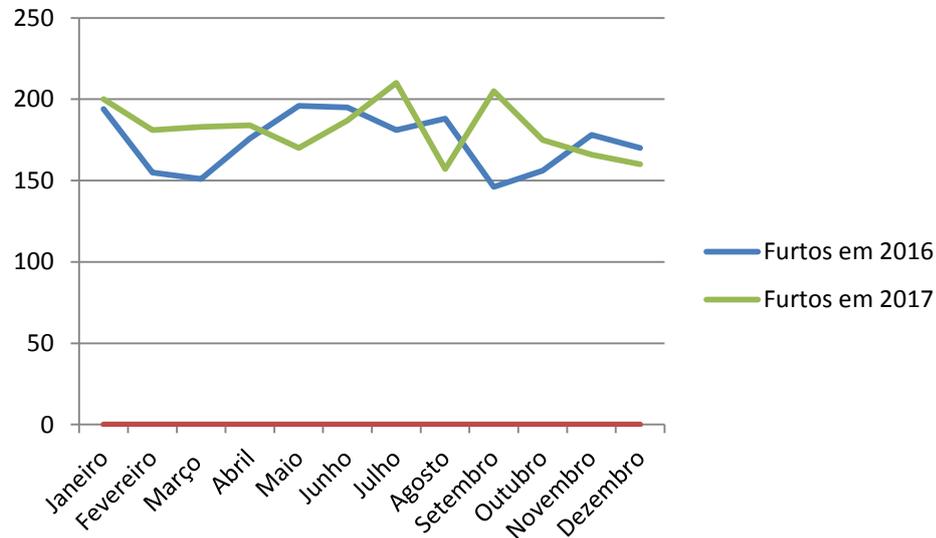
Na seqüência do trabalho serão apresentados os conceitos das violências em destaque (furtos, roubos e homicídios), juntamente com alguns dados a nível local.

4.2.1 Furtos

Os crimes contra o patrimônio, como furtos e roubos, foram escolhidos por serem violências com grandes incidências na cidade de Parintins. O furto é uma violência que ocorre diariamente no espaço urbano do município, tornando “comum” você se deparar com vítimas deste delito, trata-se de uma violência em que alguém, com ou sem ajuda, subtrai algo móvel para si próprio ou para terceiros, sem que a(s) vítima (s) presencie(m) ou tenha(m) consentido(s) tal subtração, além da ausência de ameaça física e/ou psicológica. De acordo com a Lei Penal, o furto consiste em “[...] subtrair coisa móvel para si ou para outrem, sem expressa autorização do seu dono.” (GUIMARÃES, 2006, p. 334).

Os furtos no espaço urbano de Parintins estão cada vez mais freqüentes, só nos últimos dois anos, foram registradas 4.264 ocorrências no 3º Batalhão de Polícia Militar do Município, com uma média de aproximadamente seis (06) casos por dia, isso sem considerar as tentativas de furto e os casos que não são registrados na delegacia, isto possivelmente devido a algumas vítimas não acreditarem na elucidação dos casos ou por não disporem de notas fiscais que comprovem a titularidade do bem subtraído. Abaixo o gráfico destaca a

quantidade e variação mensal das ocorrências de furtos nos meses de Janeiro a Dezembro dos anos de 2016 e 2017.



Fonte: 3º Batalhão de Polícia Militar do município de Parintins.
Organizador: Regerson Ribeiro Reis

Em comparação com as ocorrências de furtos entre os anos de 2016 e 2017, houve um aumento de 4,41% em 2017, saltando de 2.086 em 2016 para 2.178 em 2017, tendo uma média diária de 5,71 e 5,97, respectivamente, isto sem contar as tentativas de furtos registradas, com 102 ocorrências, o que totalizariam 4.366 ocorrências de furtos nos dois anos, caso tivessem sido concretizadas.

No ano de 2017 houve sete (07) meses em que tiveram aumento das ocorrências, meses de janeiro, fevereiro, março, abril, julho, setembro e outubro, tendo como ápice 210 ocorrências no mês de julho e como ínfimo 160 no mês de dezembro, com uma média mensal de 181,5 ocorrências. No ano de 2016, o menor número de ocorrências registradas de furtos ocorreu no mês de setembro, com 146, e maior de 196 em maio, tendo uma média mensal de 173,8 ocorrências.

De acordo com o investigador da Polícia Civil, Humberto Martins, durante o dia, a maioria dos furtos no espaço urbano do município de Parintins ocorrem na área central, onde o fluxo de pessoas é mais intenso e, durante a noite, a maioria dos registros são oriundos de furtos cometidos na zona sul da cidade, principalmente nos bairros da União, Itaúna I, II e Paulo Corrêa, onde os criminosos se aproveitam da carência de segurança pública e privada

para adentrarem as casas e empreendimentos das vítimas para subtraírem seus bens, tais como televisões, celulares, fogões, botijas de gás, bicicletas, motocicletas, entre outros.

Ressalta-se que um dos objetivos específicos a serem pesquisados no presente trabalho seria identificar os bairros na cidade de Parintins com maiores incidências das violências em questão nos anos de 2016 e 2017, o que não foi possível devido ao 3º Batalhão de Polícia Militar do Município ter somente fornecido o quantitativo das violências desses dois anos. A bibliografia acerca da violência urbana de Parintins ainda é muito carente, precisando de mais pesquisas a serem realizadas, entretanto, identificou-se um artigo denominado “Mapeamento do crime da cidade de Parintins/Am nos anos de 2012 a 2013”, de Assunção e Vasconcelos (ano não identificado), o qual nos fornece dados a respeito da violência urbana de Parintins, dentre eles os furto e os roubos, que nos fazem refletir sobre a real e preocupante situação da violência na cidade.

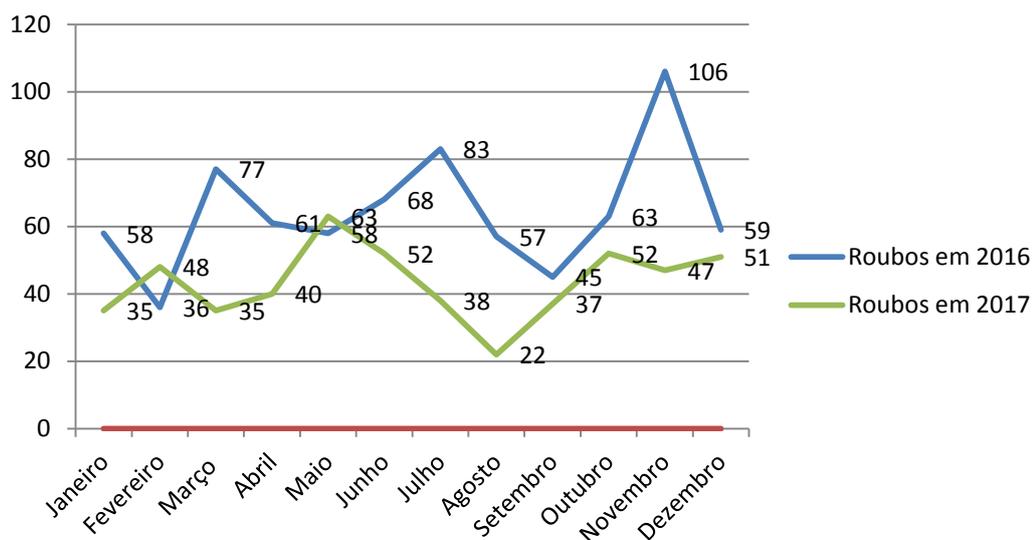
De acordo com Assunção e Vasconcelos (ano não identificado), baseado em dados do 3º Batalhão de Polícia Militar do Município, os números de registros de furtos na cidade de Parintins nos anos de 2012 e 2013, foram, respectivamente, 177 e 215. Esses dados mostram o quão o número de furtos aumentou se comparado com 2017, que obteve 2.178 registros, com aumento de mais de 1.130%. Outros dados interessantes são a respeito dos bairros e horários com maiores incidências dos furtos, que ocorrem em sua maioria na área central da cidade, seguido do bairro de Palmares, Paulo Corrêa, Itaúna I e Itaúna II, e com predominância entre às 18:00hs e 00:00hs. Vale ressaltar que o Bairro da União foi agrupado dentro do Bairro de Paulo Corrêa, pois nesse período o bairro não constava no mapa do IBGE.

4.2.2 Roubos

A prática de roubo se difere do furto, pois além da subtração de algo móvel para si próprio ou para terceiros sem mediante autorização do titular, o autor da violência emprega grave ameaça à vítima para subtrair seus bens, geralmente utilizando armas brancas ou armas de fogo (ou similares) para cometerem seus delitos, assim intimidando a vítima, a dominando e a impossibilitando de defesa, a submetendo a momentos de humilhação e medo em relação à sua integridade física. Conforme Guimarães, na Lei Penal, roubo é constituído como “a subtração de coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido a impossibilidade de resistência.” (GUIMARÃES, 2006, p.491).

Os roubos são também chamados de “assaltos” no dia-a-dia, termo propagado pelos meios de comunicação social e usualmente utilizados pela população. As ocorrências de roubos no espaço urbano de Parintins também possuem números bastante expressivos, tendo 1.291 casos registrados nos anos de 2016 e 2017, conforme dados do 3º Batalhão de Polícia Militar do Município, entretanto, nota-se uma redução de 32,5% nas ocorrências do ano de 2017, declinando de 771 para 520. A redução da média mensal de ocorrências de roubos passou de 64,3 em 2016 para 43,3 em 2017, e, respectivamente, uma redução na média diária de ocorrências de 2,1 para 1,4 casos registrados, isso sem considerar as tentativas de roubos e os casos que não são registrados na delegacia.

Abaixo o gráfico destaca a quantidade e variação mensal das ocorrências de roubos nos anos de 2016 e 2017.



Fonte: 3º Batalhão de Polícia Militar do município de Parintins.
Organizador: Regerson Ribeiro Reis

Com relação às ocorrências de roubos entre os meses dos anos de 2016 e 2017, houve considerável redução em dez meses do ano de 2017, com uma diminuição média mensal de 37,2%, exceto os meses de fevereiro e maio, que sofreram um aumento médio mensal de aproximadamente 21%. O mês que sofreu maior queda foi agosto, com 61,4% de redução, caindo de 57 ocorrências em 2016 para 22 em 2017. O mês de 2016 que possui menor índice de ocorrências foi fevereiro, com 36, e os meses com maiores números, foram novembro, com 106 em 2016, e maio, com 63 ocorrências em 2017.

De acordo com o investigador da Polícia Civil, essa redução no número de ocorrências de roubos é relativamente pequena, pois o mesmo afirma que os roubos continuam a acontecer em grande escala no espaço urbano do município. O entrevistado afirma que a maioria dos furtos e roubos cometidos na cidade é praticada em sua maioria por ex-presidiários e detentos do regime semi-aberto, os quais continuam a cometer crimes quando se encontram em liberdade.

O investigador atribui esse fator, além da ausência de políticas públicas voltadas ao social, ao sentimento de impunidade que os meliantes sentem, decorrentes da legislação brasileira em vigência, o que faz com que as polícias, tanto Civil quanto Militar, apesar das adversidades enfrentadas para o bom desempenho de suas funções, como falta de estrutura, equipamentos e demanda de policiais e investigadores, realizem as investigações e prisão de quem comete tais violências, entretanto, a própria justiça os libera pouco tempo depois e eles voltam às ruas para cometer crimes, onde realizam inúmeros furtos e roubos, entre outros. O agente de segurança pública ressalta que quando a polícia consegue prender esses que cometem roubos na cidade, os mesmos ficam geralmente um ou dois meses presos, período este em que dá uma diminuída nos registros de ocorrência.

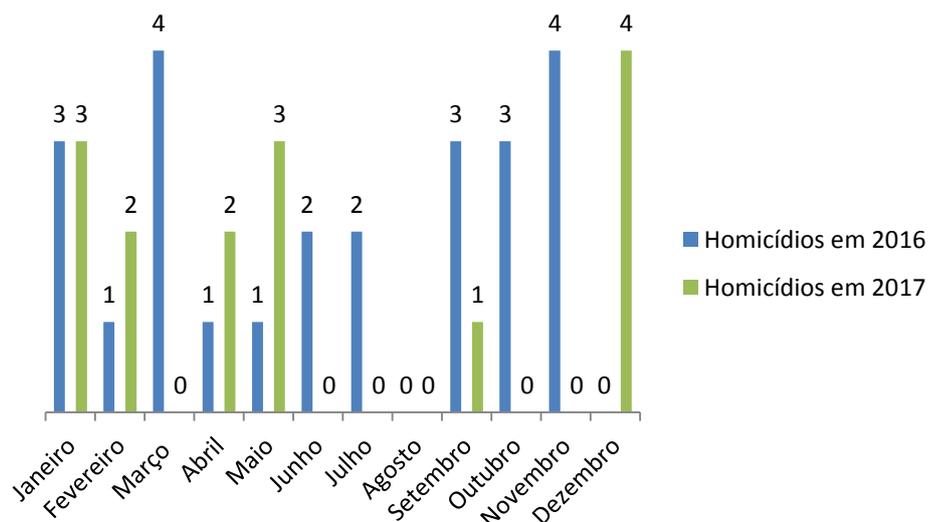
O investigador enfatiza que a maioria dos furtos e roubos cometidos na cidade de Parintins está relacionada ao uso de substâncias entorpecentes, ou seja, ao uso de drogas ilícitas. O número de usuários de drogas na cidade aumenta consideravelmente, fazendo com que muitos acabem cometendo tais violências na ânsia de saciarem seus vícios, chegando inclusive a traficar entorpecentes. O investigador ressalta que com a não coibição do tráfico de drogas, os números de furtos, roubos e homicídios tende a aumentar.

Os números de registros de roubos no ano de 2017 obtiveram uma pequena redução com relação ao ano de 2016, entretanto, ainda são muito altos se comparados aos anos de 2012 e 2013, que de acordo com Assunção e Vasconcelos (ano não identificado), eram de 99 e 119, respectivamente. Ainda de acordo com os autores, as maiores incidências dessa violência ocorreram nos bairros do Centro e de Palmares, e com maior predominância nos horários compreendidos entre 18:00hs e 00:00hs.

4.2.3 Homicídios

O homicídio foi escolhido como delimitação deste trabalho devido ao alarmante número desta violência no país nos últimos anos, saltando de 48.136 para 59.080 casos, comparando os anos de 2005 e 2015, respectivamente, um aumento de aproximadamente 23%, e também pelo fato de ser um indicador que mede a violência. O homicídio se constitui em uma violência em que se aniquila a vida de uma pessoa ou grupo de pessoas, isto com ou sem a intenção de cometer tal crime. Judicialmente na Lei Penal, homicídio é constituído como “Destrução violenta e ilícita da vida de uma pessoa por outra.” (GUIMARÃES, 2006, p.346)

De acordo com 3º Batalhão de Polícia Militar do Município, foram 39 os casos de registros de homicídios no espaço urbano de Parintins nos últimos dois anos, com uma queda de 62,5%, uma diminuição de 24 homicídios em 2016 para 15 em 2017, tendo uma redução de média mensal de 02 para 1,25 homicídios na cidade, respectivamente. O gráfico abaixo destaca a quantidade e variação mensal das ocorrências de homicídios nos anos de 2016 e 2017 na cidade de Parintins.



Fonte: 3º Batalhão de Polícia Militar do município de Parintins.
Organizador: Regerson Ribeiro Reis

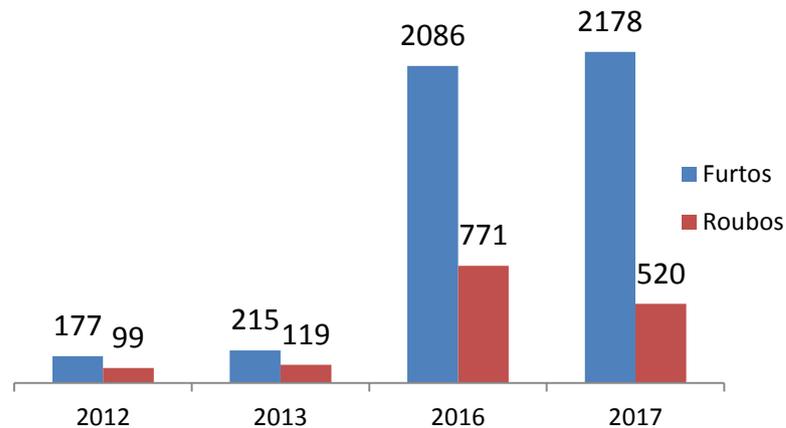
Como podemos notar no gráfico, todos os meses do ano de 2016, exceto agosto e dezembro, tiveram ocorrências de homicídios na cidade, tendo maiores números nos meses de março e novembro, ambos com 04 homicídios. Como já citado acima, em 2017 as ocorrências diminuíram 62,5%, ano este em que a cidade ficou sem registros de homicídios em seis meses do ano, e com maior número de ocorrências no mês de dezembro, com 04 casos, seguido de janeiro e maio, ambos com 03 ocorrências. Vale ressaltar as tentativas de homicídios registradas durante os dois anos, delito este também com significativa queda, com 15 em 2016 para 12 em 2017.

De acordo com o investigador de polícia civil a média anual de homicídios na cidade de Parintins se situa entre 10 e 15 registros, números estes que se elevaram somente no ano de 2016, alcançando o patamar de 24 homicídios. O mesmo afirma que estes números se elevaram após a morte de um sargento da polícia militar no dia 05 de dezembro de 2015, onde começaram a surgir vários homicídios na cidade, principalmente cometidos por motoqueiros, os quais executavam suas vítimas a tiros, criminosos estes que ficaram impunes devido a não elucidação dos casos, impossibilitando suas identificações e motivações.

O investigador aponta uma possível relação de grande parte dos homicídios com o tráfico de drogas, enfatizando que assim como nas demais cidades do país e do mundo, os traficantes começaram a cobrar diferente a quem os deve, assassinando seus “clientes”, os quais não conseguem liquidar suas dívidas decorrentes da compra de produtos entorpecentes, principalmente jovens, que compram drogas de traficantes para comercialização e uso pessoal.

5 Violência urbana na cidade de Parintins: a realidade em números

Os registros de furtos e roubos aumentaram consideravelmente nos últimos anos na cidade de Parintins, como podemos observar no gráfico abaixo. Também podemos evidenciar através das mídias, redes sociais, conversas informais, entre outros, um número cada vez maior de furtos e roubos na cidade, deixando a sociedade cada vez mais insegura e temerosa. Diversas são as prisões evidenciadas pela imprensa, destacando principalmente a atuação de jovens nestas violências, jovens estes que precisam de mais assistência, com oferta de capacitação para o mercado de trabalho e empregos, garantindo assim uma vida digna e seu sustento.



Fonte: 3º Batalhão de Polícia Militar de Parintins; Assunção e Vasconcelos (ano não identificado)
Organizador: Regerson Ribeiro Reis

As ocorrências de roubos, apesar dos números ainda alarmantes, sofreram uma queda de 32,5% de 2016 para 2017, o que possivelmente pode ser explicado pela presença dos guardas civis de empresas privadas que fazem a segurança de comércios e residências, o que acaba dificultando, de certa maneira, a prática da violência pelos criminosos. É possível perceber, através de conversas informais com moradores que moram em lugares onde há a presença dos guardas, que a partir da presença dos mesmos, os números de ocorrências de roubos e furtos nesses mesmos lugares diminuíram significativamente (nos horários em que há a segurança), presença esta que previne os casos de roubos, apesar dos guardas disporem de apenas cassetete para fazerem a segurança do local. Um dos bens móveis que mais chamam a atenção de criminosos são os celulares.

Com relação aos furtos, os dados do 3º Batalhão de Polícia mostram que essa violência aumentou 4,41% entre 2016 e 2017. Os criminosos continuam a furtar, porém em horários em que não haja segurança ou mudaram seus locais de crimes para outros que não tenha presença dos guardas, pois essa vigilância é feita apenas 12 horas por dia, deixando a população mais atenta nos horários sem segurança. Mas é obvio que para que se possa ter uma afirmação contundente, seria necessário mapear e comparar os locais com a presença dos guardas. Os furtos aumentam a cada dia, tornando-se rotineiro você ouvir dizer: furtaram a casa, o comércio do “fulano”. Os bens subtraídos são os mais variados possíveis, como: motocicletas, bicicletas, televisões, celulares, canoas, TV’s, DVD’s, dinheiro, entre uma variedade de bens.

Podemos observar muitos jovens ociosos na cidade de Parintins, jovens que poderiam estar se qualificando profissionalmente, cursando faculdades, trabalhando, entre outros, mas que uma parcela acaba entrando para o mundo do álcool e das drogas, e sem renda, acolá de estarem restritos aos bens e produtos que o mundo capitalista nos oferece, começam a praticar inúmeras violências na cidade para saciarem seus vícios e necessidades.

É notória a necessidade de uma melhor gestão e políticas públicas que possam atender aos anseios da sociedade em geral, com uma melhor assistência educacional, de saúde, de segurança, geração de empregos, lazer, qualificação técnica profissional aos jovens de baixa renda, moradias dignas, entre outros.

Entendermos os fatores candidatos a explicar a violência urbana de Parintins não é tarefa fácil devido à complexidade das relações sociais existentes no mundo contemporâneo, mas aqui podemos destacar alguns que mais são enfatizados em trabalhos a respeito do assunto e de acordo com o Investigador da Polícia Civil do 3º Batalhão de Polícia Militar do Município de Parintins, o qual vivencia diariamente com as violências na cidade.

A problemática da violência urbana é uma das mais discutidas nos dias de hoje, tendo em vista toda a onda de violência que assola a sociedade mundial, em especial a brasileira, como podemos destacar a capital carioca, agora principalmente com a intervenção militar na segurança que ocorre no Estado, com os constantes tiroteios entre traficantes, roubos, furtos, homicídios diariamente, entre outras, realidade esta que não é diferente de Fortaleza, São Paulo, Manaus, Parintins e das demais cidades brasileiras, inerentes ao modo de vida dos centros urbanos. As discussões a respeito do tema buscam soluções, ou, a priori, amenizar o problema, e principalmente identificar as causas da violência para poderem encontrar possíveis soluções para tal problema.

A vasta referência bibliográfica sobre o tema aponta diversos fatores para explicar toda essa violência, entre eles a crescente urbanização das cidades. Sposito (2000) e Souza (2008) apontam que as cidades estão crescendo cada vez mais, atraindo pessoas de diferentes lugares, em busca de emprego, saúde, educação, melhores condições de vida em si, entretanto, ocorre um crescimento demográfico de forma desordenada, sem planejamento, sem políticas públicas voltadas ao social e principalmente desigual, característica esta do modo de produção capitalista, o que acaba desencadeando graves problemas urbanos, como podemos destacar o elevado número de desemprego, fome, moradias precárias, violência, tráfico e dependência de drogas ilícitas, entre outros, que associados à falta de políticas públicas para atender aos

direitos da sociedade em geral, podem contribuir para o aumento da violência nas cidades do mundo todo. Assunção e Vasconcelos destacam que

A incidência de crimes atualmente no Brasil é um fenômeno que virou realidade tanto de cidades grandes, médias e pequenas, apontado por estudiosos como consequência das desigualdades sociais, urbanização acelerada, falta de emprego, educação e moradia para as pessoas que migram para as cidades em busca de melhores condições de vida. (ASSUNÇÃO e VASCONCELOS, ano não identificado, p. 15)

A desigualdade de renda e social são fatores que podem levar à prática de violência, tais como as em destaque, entretanto, no espaço urbano de Parintins e demais cidades brasileiras, a maioria da população passa pela mesma situação, pessoas que não tem ou que não tiveram grandes oportunidades na vida, com educação de qualidade, saúde, empregos, entre outros, entretanto, buscam se esquivar das adversidades impostas pelo modo de produção capitalista trabalhando com as mais diversas atividades econômicas, principalmente as de maneira informal, prática esta que vem crescendo cada vez mais na cidade.

A desigualdade econômica e social que o país apresenta acaba dificultando ou impossibilitando o crescimento e desenvolvimento de milhares de pessoas, principalmente dos jovens. Assis & Constantino (2005) destacam que os jovens se vêem com certa restrição ao consumo de bens e serviços, à qualidade de ensino, entre muitos outros, que associados à ausência de amparo familiar, acabam ficando vulneráveis e com maior facilidade para a entrada no mundo da violência.

Em Parintins o que mais se percebe através das notícias são muitos jovens entrando para o mundo do crime, das drogas, resultado da ociosidade, do consumismo, do elevado número de desemprego, das faltas de políticas públicas, do rompimento dos vínculos familiares, entre outros, jovens que deveriam estar estudando, se qualificando profissionalmente para usufruírem de um melhor futuro, mas que sem oportunidades ou melhores assistências acabando entrando para o mundo da violência.

Possivelmente o consumismo imposto pelo modo de produção capitalista e a restrição a determinados produtos e serviços sejam também alguns fatores da violência no espaço urbano de Parintins, pois as violências geralmente apresentam motivação econômica. O consumismo, aquele gerado pela mídia, pelas redes sociais, de você querer usar roupas, sapatos de grandes marcas, de ir a festas, ter bons transportes, TV a cabo, internet, frequentar lanches, churrascarias, bares, enfim, gastar dinheiro, acabam fascinando inúmeras pessoas que, sem renda, acabam cometendo violências para saciarem seus desejos e necessidades de

forma ilegal, como furtos e roubos, e outras práticas, como também o tráfico de drogas, que proporciona dinheiro rápido e fácil para as pessoas, apesar do risco de serem presos.

Outro fator em destaque, conforme o Investigador da Polícia Civil, é a inserção de muitas pessoas ao mundo das drogas, onde acabam experimentando diversas substâncias entorpecentes e se viciando, fazendo com que, sem rendimentos financeiros, passem a cometer furtos e roubos na ânsia de saciarem seus vícios. Além da associação das drogas ilícitas com as práticas de furtos e roubos, os traficantes passaram a assassinar seus devedores e desafetos, principalmente usuários que pegam drogas para usar ou comercializar e não pagam. Ainda conforme o servidor público, apesar das adversidades enfrentadas pelas Polícias Civil e Militar de Parintins, estas vão desempenhando suas atividades objetivando manter a segurança da sociedade.

6 O Sentimento de medo e insegurança em Parintins

O crescimento da violência urbana vem tirando a tranqüilidade da população parintinense, principalmente com os inúmeros furtos e roubos que assolam o espaço urbano do município. Essa quantidade de crimes vem gerando cada vez mais o sentimento de medo e insegurança na população que procura cada vez mais proteger seus bens patrimoniais e a si mesmos, preservando principalmente sua integridade física. Souza (2008) diz que o sentimento de medo nas cidades, do ângulo da segurança pública, sempre existiu, porém está cada vez mais intenso, em alguns lugares mais, em outros menos.

Devido ao crescente aumento da violência urbana no país, as pessoas com maior poder aquisitivo passaram a contratar serviços de segurança particular, instalação de câmeras de segurança, cercas elétricas, blindagem em carros, etc., e em relação às pessoas com menor poder aquisitivo, grande parte da população, e não menos preocupante, passaram a se prevenir como podem, colocando grades nos acessos às residências, as cercando de muros e cercas, colocando cacos de vidros sob os muros, utilizando cães como proteção, entre outros. Cerqueira (2014, p. 17) ressalta que “ante a ineficácia de um aparelho de segurança pública despreparado para os grandes desafios da complexa violência urbana, a sociedade reagiu do modo possível, fazendo prosperar a indústria de segurança privada.

Souza (2008) faz uma combinação das palavras medo e cidade, e cunha um termo para expressar a realidade dos grandes centros urbanos, denominado “Fobópole”, que se trata das cidades dominadas pelo sentimento de medo, ou seja, uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta, decorrentes da intensa urbanização das cidades. Assunção e Vasconcelos destacam que

A cidade de Parintins situada no interior do Estado do Amazonas começa também a experimentar a realidade vivida antes somente pelos grandes centros urbanos. A incidência de crimes vem aumentando ano a ano e preocupa principalmente a população parintinense, afetando principalmente o comportamento das pessoas. (ASSUNÇÃO e VASCONCELOS, ano não identificado, p. 02)

O sentimento de medo e insegurança, de ser vítima de um crime violento, influencia as relações sociais, fazendo com que as pessoas mudem hábitos, deixem de sair pra certos lugares, de ficarem em frente a suas casas, de sentarem em praças, a sentirem-se gradeados, verdadeiros prisioneiros dentro de suas residências. O medo passa a ser um fator bastante atuante na organização espacial das cidades, onde as pessoas passam a investir cada vez mais em segurança, com sistemas de câmeras, de alarmes, cacos de vidros sob os muros, muros segregando as pessoas, entre outros, e agora cada vez mais freqüente em Parintins, com os guardas civis particulares, que trabalham na vigilância de empreendimentos particulares e de casas de alguns moradores da cidade, apesar da pouca ou quase nenhuma qualificação que os contratantes os oferecem ou que os mesmos disponham. Teresa Caldeira diz que

O medo e fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. [...] além disso, a fala do crime também ajuda a violência a proliferar, ao legitimar reações privadas ou ilegais – como contratar guardas particulares ou apoiar esquadrões da morte ou justiceiros – num contexto em que as instituições da ordem parecem falhar. (TERESA CALDEIRA, 2000, p. 27)

Em consonância com Caldeira a respeito do sentimento de medo nas cidades, Martins (2009) enfatiza também que as pessoas passaram a investir cada vez mais em segurança particular, como blindagem, trancas de automóveis, sistemas de câmeras de segurança em lugares públicos, privados e comerciais, fazendo com que lugar seguro, nos dias de hoje, seja sinônimo de segurança privada, providenciada por moradores ou comerciantes. Essa análise pode ser feita ao andar pelas ruas de Parintins, onde podemos evidenciar inúmeras casas cercadas de cercas elétricas, domicílios e comércios com câmeras e vigias

constantes, com a intenção de inibir ou tentar identificar os autores dos crimes. Sérgio Adorno destaca que o crescimento da violência urbana, em suas múltiplas modalidades

vêm se constituindo uma das maiores preocupações da sociedade brasileira contemporânea nas duas últimas décadas. O sentimento de medo e insegurança diante do crime exacerbou-se entre os mais distintos grupos e classes sociais, como sugerem não poucas sondagens de opinião pública. (ADORNO, 2002, p. 267)

Em Parintins, há alguns anos, as pessoas passavam as noites conversando em frente a suas casas, deixavam as portas, janelas abertas, saíam sem preocupação, iam aos lugares que quisessem ir, a hora que quisessem, pois a cidade era pacífica, onde os casos de violência ocorriam, mas de maneira não tão frequentes quanto aos dias atuais com seus números alarmantes. Hoje em dia se percebe que esses hábitos mudaram, principalmente com a onda de roubos que assolam a cidade, criminosos estes que para subtrair os bens móveis de suas vítimas, as abordam das maneiras mais violentas possíveis, as causando medo e humilhação. Nesse sentido fica evidente que as pessoas que dispõem de uma menor aquisição financeira ficam mais expostas a esses tipos de violências.

7 Considerações finais

A violência urbana em Parintins, sobretudo com seus elevados índices de furtos, roubos e homicídios registrados nos anos de 2016 e 2017, vem se constituindo como um dos grandes problemas da cidade, gerando cada vez mais medo e insegurança à população, tornando as pessoas prisioneiras dentro de suas próprias residências, protegendo-se das mais diversas maneiras. A cidade, assim como as demais do país, vem sofrendo com o crescimento desta violência, possivelmente derivada do intenso processo de urbanização que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas, indissociável dos diversos problemas urbanos, dentre os quais podemos destacar a desigualdade sócio-econômica, proliferação das drogas ilícitas, a falta de segurança pública, além das falhas na legislação brasileira.

É evidente que para que se possa afirmar com clareza os fatores da violência urbana de Parintins, faz-se necessária a realização de uma pesquisa mais sucinta, exemplificando um levantamento de informações a respeito do perfil de quem comete violências (os

identificados), como nível de escolaridade, se possui rendimentos financeiros, se possui moradia própria, se usa drogas, que posição ocupa no contexto familiar, até mesmo entrevista com os mesmos, entre muitos outros.

Essa urbanização é oriunda de atividades econômicas e pela cidade dispor de melhores serviços se comparada às demais da região, impulsionando o crescimento demográfico e econômico do espaço urbano. Entretanto, esse crescimento é desordenado, sem planejamento, dissociado de políticas públicas para atender aos direitos da sociedade em geral, ao bem estar da população local e de inúmeras famílias que chegam com a ânsia de melhorar de vida. A cidade se mostra com uma elevada desigualdade de renda, alto índice de desemprego, ocupações irregulares, falta de segurança pública, elevada ociosidade principalmente dos jovens, crescente tráfico e dependência de drogas ilícitas, fatores que podem contribuir para o aumento da violência urbana por parte de uma minoria da população.

A desigualdade de renda, principalmente com o alto número de desemprego é um dos fatores que podem levar à prática de violência, entretanto, no espaço urbano de Parintins e demais cidades brasileiras, a maioria da população passa pela mesma situação, pessoas que não tem ou que não tiveram grandes oportunidades na vida, com educação de qualidade, saúde, empregos, entre outros, porém, buscam se esquivar das adversidades impostas pelo modo de produção capitalista trabalhando com as mais diversas atividades econômicas para adquirir um rendimento atendendo suas necessidades e desejos, principalmente de maneira informal, prática esta que vem crescendo cada vez mais na cidade.

Vale ressaltar que o fato de ser de baixa renda não quer dizer que a pessoa vá cometer crimes, pois há a existência de inúmeras pessoas com melhor poder aquisitivo que cometem tais violências, destacando os políticos partidários, como podemos evidenciar com os diversos casos de corrupção, onde furtam, roubam o dinheiro público que deveria ser aplicado na melhoria da educação, saúde, segurança, esporte, entre outros, e onde podemos comprovar esse sentimento de impunidade.

Não generalizando, uma minoria da população passa a cometer violências, como furtos, roubos e homicídios, por não disporem de amparo social e econômico, o que as deixam sem futuras perspectivas de vida, sem boa educação, sem oferta de empregos, sem políticas públicas voltadas ao bem estar social, as deixando na ociosidade, vulneráveis pela ausência de oportunidades e dinheiro, acolá do sentimento de revolta pela restrição aos bens, serviços e produtos, como roupas pra sair, dinheiro para ir à festas, entre outros.

As violências em destaque, em sua maioria, são associadas ao fator econômico, onde uma parcela da população se utiliza de subterfúgios ilegais para se esquivar das adversidades impostas pelo capitalismo com o intuito de adquirir dinheiro de maneira rápida e “fácil”, fator este em sua maioria coligado ao consumo e tráfico de drogas. O número de usuários de drogas na cidade aumenta consideravelmente, fazendo com que muitos acabem cometendo tais violências na ânsia de saciarem seus vícios.

É notória a necessidade de uma melhor gestão e políticas públicas que possam atender aos anseios da sociedade em geral, com uma melhor assistência educacional, de saúde, de segurança, geração de empregos, lazer, qualificação técnica profissional aos jovens de baixa renda, moradias dignas, entre outros, possibilitando assim uma sociedade mais harmoniosa e segura. Podemos observar muitos jovens na ociosidade na cidade de Parintins, jovens que poderiam estar se qualificando profissionalmente, cursando faculdades, trabalhando, entre outros, mas que uma parcela acaba entrando para o mundo das drogas, e sem renda, acolá de estarem restritos aos bens e produtos que o mundo capitalista os oferece, começam a praticar inúmeras violências na cidade para saciarem seus vícios e necessidades, principalmente furtos e roubos.

Toda essa violência, associada com a falta de segurança pública, gera um sentimento de medo e insegurança na população, que acaba tomando iniciativas próprias para se manterem seguras, gerando segregação entre as pessoas, mudando hábitos, costumes e fazendo com que as mesmas invistam cada vez mais em segurança privada. O que podemos constatar é que existem muitos direitos e deveres presentes na Constituição Brasileira que ficam apenas na teoria, pouco se colocando em prática, resumindo, são muitos direitos e deveres pra pouca prática.

8 Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio. **Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea.** in: Miceli, s. (Org.). O que ler na Ciência Social brasileira. São Paulo: ANPOCS/sumaré/caPes, 2002, p. 267-309.

ASSIS, S. G. de & CONSTANTINO, P. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. Revista Ciência & Saúde Coletiva. 10 (1): 81-90, 2005.

ASSUNÇÃO e VASCONCELOS. **Mapeamento do crime da cidade de Parintins/Am nos anos de 2012 a 2013.**

repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/691/1/Mapeamento%20do%20crime%20da%20cidade%20de%20Parintins%20AM%20nos%20anos%20de%202012%20a%202013.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR. Acessado em 15 de Março de 2018.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017.

AZEVEDO FILHO, João D'anuzio Menezes de. A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas. Tese de Doutorado – São Paulo, 2013. 210 f.

BITTENCOURT, Antonio Clemente R. **Memória do município de Parintins:** estudos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: EDUSP, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 9. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013. (Repensando a Geografia)

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas (a prelazia de Parintins no seu jubileu de prata).** Revisão do livro foi feita pelo jornalista Anacleto Filho, 1980.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro. **Causas e consequências do crime no Brasil.** – Rio de Janeiro : BNDES, 2014. 196 p. : il.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

FRANCISQUINHO, Sergio & FREITAS, Solange P. de. **A influência das drogas na criminalidade.** 85 p. Monografia. UEL – Universidade Estadual de Londrina. 2008.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri (Org.). **Dicionário técnico jurídico.** – 8. ed. – São Paulo: Rideel, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1970; 1980; 1991; 2000; 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Saádia Maria Borba. **Medo e insegurança nas cidades: a violência no uso dos espaços públicos**. Revista de Direito da Cidade, vol.05, nº02. ISSN 2317-7721 p. 206-227, 2009.

MISSE, Michel. 1999. **MALANDROS, MARGINAIS E VAGABUNDOS & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**.

MISSE, Michel. **Violência: o que foi que aconteceu?** Jornal do SINTURF, ano XVII, n. 529, 2002. Disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/Violênciaoquefoiqueaconteceu.pdr>>. Acesso em: 01 de maio de 2010.

Organização Mundial da Saúde (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. Brasília: OMS, OPAS.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2014. disponível em SOARES, Luiz Eduardo; BIL, MV; ATHAYDE. Cabeça de Porco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

REZENDE, Tadeu V. F. de. **A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras**. 2006. Tese de Doutorado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOARES, Luiz Eduardo; BIL, MV; ATHAYDE. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, Nilciana Dinely. **O processo de urbanização da cidade de Parintins: evolução e transformação**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole – o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Macedo de Lopes. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras** / Marcelo Lopes de Souza – 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 368 p.

SCHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. **Ciclos econômicos e periodização da rede urbana no Amazonas - Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.56,p. 229-258, jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p229-258>

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 15ª ed. 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2008.

3º Batalhão De Polícia Do Município De Parintins.